



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Processos Psicológicos Básicos
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Dissertação de Mestrado

ABORDAGEM EVOLUCIONISTA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE APEGO ADULTO E
COERÇÃO SEXUAL: UMA INVESTIGAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

André Luís Moura de Oliveira Almeida

Junho, 2023.



André Luis Moura de Oliveira Almeida
Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

ABORDAGEM EVOLUCIONISTA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE APEGO ADULTO E
COERÇÃO SEXUAL: UMA INVESTIGAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

André Luis Moura de Oliveira Almeida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Comportamento (Área de concentração: Cognição e Neurociências do Comportamento).

Orientador: Prof. Dr. Mauro Dias Silva Júnior

Brasília, 26 de junho de 2023

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Mauro Dias Silva Júnior (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dra. Keila Rabello Evangelista

Prof. Dr. Jean C. Natividade.

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que sofrem de violência em seus relacionamentos. Dedico, também, àqueles que lutam diariamente contra esse sofrimento. Que esse estudo possa, de alguma forma, contribuir para o desenvolvimento de formas eficazes de combate à coerção sexual entre parceiros íntimos.

“Sexo exige o consentimento dos dois

Se uma pessoa está ali deitada sem fazer nada

porque não está pronta

ou não está no clima

ou simplesmente não quer

e mesmo assim a outro está fazendo sexo

com seu corpo isso não é amor

isso é estupro.”

Rupi Kaur.

Agradecimentos

Primeiramente, meus mais sinceros agradecimentos à minha mãe, Maria Iva. Seus esforços em vida foram voltados para que nós (eu e minha irmã) tivéssemos condições suficientes para chegar até aqui. Foi ela quem me ensinou o respeito ao conhecimento e o valor da busca por ele. Em sua jornada curta – porém linda – de vida, sua grande herança deixada foi o amor pelo ensino e pelas pessoas. Em seu último suspiro, nos deu seu maior ensinamento: a sermos fortes e compreensivos, principalmente em relação ao que não se pode controlar. Sua ausência será sempre uma marca em meu coração.

Ao meu pai, Raimundo, que também deu seu máximo para proporcionar as oportunidades de desenvolvimento que me permitiram estar aqui. Às minhas irmãs e irmãos, Ingrid, Raíra, Fabrício e Cesar, que sempre me incentivaram a buscar os meus sonhos. Às minhas tias e segundas mães, Joana, Clara e Carminha, pelo amparo e amor nos momentos de maior dificuldade. À minha esposa, Clarissa, por seu apoio, inteligência, amor, gentileza, compreensão e garra, pois foram essenciais para a jornada. Eu te amo. Sem você, essas palavras de agradecimento nunca seriam escritas nessa dissertação. Obrigado por me banhar com todo o seu amor. Ao meu sogro e sogra, Valter e Maria Luíza, que me acolheram como parte de sua família e me proporcionaram um sentimento de segurança e pertencimento importantíssimo para minha jornada. Aos meus amigos, Jamil e Rafael, que compreenderam minha ausência e me apoiaram em todo o processo.

Agradeço ao Prof. Mauro, meu orientador, por todo o seu carinho, dedicação, disponibilidade e paciência. Foram momentos difíceis e cheios de desafios, não teria conseguido sem sua sensibilidade. À querida amiga e eterna mentora Prof. Carla Antloga, pelo apoio e suporte em momentos difíceis. À minha colega e Mestre Sarah, que caminhou ao meu lado nessa aventura – e a venceu! Aos companheiros de laboratório, Bruna, André, Luan e

Antônio. Obrigado pela dedicação e responsabilidade na coleta de dados, pela sagacidade dos toques e pela criatividade nas divulgações. Vocês foram essenciais para a caminhada. Obrigado a todos os participantes que dedicaram minutos preciosos de seu tempo para nos ajudar a construir esse trabalho. Sem vocês esse estudo jamais teria sido feito. Obrigado, de coração, pela disposição, paciência e confiança!

Índice

Lista de tabelas.....	XI
Resumo.....	13
Apresentação.....	14
Introdução geral.....	15
Referências.....	16
Capítulo 1 – Associação entre apego adulto e coerção sexual: uma revisão crítica da literatura.....	19
Resumo.....	20
Coerção sexual.....	22
Apego adulto.....	24
Associação entre apego adulto e coerção sexual.....	27
Diversidade de instrumentos.....	29
Díade X Indivíduo.....	32
Diversidade populacional.....	33
Conclusões finais.....	35
Referências.....	39
Capítulo 2 - Abordagem evolucionista sobre a relação entre apego adulto e coerção sexual: Uma investigação empírica.....	50
Resumo.....	51

Introdução.....	52
Estudo 1.....	58
Método.....	60
Resultados.....	66
Discussão.....	77
Estudo 2.....	82
Método.....	83
Resultados.....	87
Discussão.....	92
Discussão Geral.....	95
Referências.....	104
Apêndices.....	113
Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	114
Apêndice B: Questionário socioeconômico.....	116
Apêndice C: Escala do Amor.....	119
Apêndice D: Versão brasileira da Experience in Close Relationship – Reduzida (ECR R-Brasil) – Versão Masculina.....	120
Apêndice E: Versão brasileira da Experience in Close Relationship – Reduzida (ECR R-Brasil) – Versão Feminina.....	122
Apêndice F: ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos – Versão Masculina.....	127

Apêndice G: ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos – Versão Feminina.....	129
Apêndice H: Predições dos Estudos 1 e 2.....	130

Lista de tabelas

Capítulo 2

Tabela 1 *Características socioeconômicas dos casais participantes do estudo 1.*

Tabela 2 *Correlações de Spearman entre as variáveis relevantes do estudo 1.*

Tabela 3 *Escores brutos das variáveis relevantes para o estudo 1.*

Tabela 4 *Resultados da regressão hierárquica para vitimização em mulheres utilizando os preditores femininos.*

Tabela 5 *Resultados da regressão hierárquica para vitimização em mulheres utilizando os preditores masculinos.*

Tabela 6 *Resultados da regressão hierárquica para perpetração por mulheres utilizando os preditores femininos.*

Tabela 7 *Resultados da regressão hierárquica para perpetração por mulheres utilizando os preditores masculinos.*

Tabela 8 *Resultados da regressão hierárquica para vitimização em homens utilizando os preditores masculinos.*

Tabela 9 *Resultados da regressão hierárquica para vitimização em homens utilizando os preditores femininos.*

Tabela 10 *Resultados da regressão hierárquica para perpetração por homens utilizando os preditores masculinos.*

Tabela 11 *Resultados da regressão hierárquica para perpetração por homens utilizando os preditores femininos.*

Tabela 12 *Características socioeconômicas dos participantes do estudo 2.*

Tabela 13 *Escores brutos das variáveis relevantes para o estudo 2.*

Tabela 14 *Correlações de Spearman entre as variáveis femininas relevantes do estudo 2*

Tabela 15 *Resultados da regressão hierárquica para vitimização em mulheres utilizando os preditores femininos.*

Tabela 16 *Resultados da regressão hierárquica para perpetração por mulheres utilizando os preditores femininos.*

Tabela 17 *Correlações de Spearman entre as variáveis masculinas relevantes do estudo 2*

Tabela 18 *Resultados da regressão hierárquica para vitimização em homens utilizando os preditores masculinos.*

Tabela 19 *Resultados da regressão hierárquica para perpetração por homens utilizando os preditores masculinos.*

Resumo

O presente trabalho buscou realizar, por meio da ótica da Psicologia Evolucionista, análises críticas e associações relativas à relação entre coerção sexual e apego adulto em relacionamentos íntimos. O primeiro capítulo do trabalho apresenta um capítulo publicado sobre orgasmo e vinculação de pares. O segundo capítulo teve o objetivo de levantar algumas questões metodológicas referentes à literatura da área, principalmente por conta de seus resultados divergentes. O terceiro capítulo teve como objetivo o teste da associação entre a coerção sexual, o apego adulto e a satisfação no relacionamento em uma população brasileira, trazendo dados de casais (díades – Estudo 1) e indivíduos em um relacionamento (Estudo 2). Os resultados apontam para a satisfação como um forte preditor negativo da vitimização e perpetração de coerção sexual de mulheres, homens, indivíduos e casais. Por outro lado, as dimensões de ansiedade e evitação do apego adulto foram preditores inconsistentes da vitimização e/ou perpetração de coerção sexual. Por fim, busca-se trazer a importância desse estudo para a conscientização e prevenção dessa forma de violência em relacionamentos.

Abstract

The present work brings, through the perspective of Evolutionary Psychology, a critical analysis and associations related to the relationship between sexual coercion and adult attachment in intimate partners. The first chapter of the work presents a chapter published about orgasm and pair bonding. The second chapter aims to raise some methodological issues about the literature in the area, mainly due to their divergent results. The third chapter aims to test the association between sexual coercion, adult attachment and relationship satisfaction in a Brazilian population, bringing data from couples (dyads) and individuals in a relationship. Results shows satisfaction as a strong predictor of victimization and perpetration of sexual

coercion. Finally, the importance of this study for combating this form of violence in relationships is highlighted.

Apresentação

A presente dissertação foi organizada no formato de dois capítulos. O primeiro capítulo. O primeiro capítulo (Capítulo 1 - Associação entre apego adulto e coerção sexual: uma revisão crítica da literatura) é uma revisão crítica sobre os estudos na área de coerção sexual e apego adulto, apontando as divergências e suas possíveis causas. O segundo capítulo (Capítulo 2 – Coerção sexual, apego adulto e satisfação – Um estudo empírico em uma população brasileira) é um estudo empírico com duas partes, onde se mede associações entre apego adulto, satisfação e coerção sexual, em homens e mulheres, díades (casais) e indivíduos (apenas um dos membros de um casal). Em todos os capítulos foram utilizadas as normas da APA 7ª Edição

Introdução geral

Tinbergen (1963) introduziu uma discussão importante para a área da etologia humana, buscando refletir sobre as causas proximais e distais do comportamento. A psicologia evolucionista empreende esforços nesse último nível, tendo como objetivo a investigação de mecanismos psicológicos selecionados por favorecer a aptidão dos indivíduos ao longo do ambiente de adaptação evolutiva humana (Tooby & Cosmides, 2015). Um tema de muito debate na área é a sexualidade humana, por ser o único meio – não artificial – de perpetuação gênica das espécies sexuadas (Symons, 1979).

A violência no comportamento sexual também ganha um espaço importante nesse debate, pois é necessária uma compreensão importante de suas bases para o efetivo combate de seus desdobramentos para suas vítimas em nossa sociedade (Thronhill & Palmer, 2000). A coerção sexual é uma forma de violência sexual mais utilizada em relacionamentos íntimos (Shackelford & Goetz, 2004), mas a sutileza desse comportamento mascara seus danos reais à saúde das vítimas. Por exemplo, em mulheres, ser vítima de coerção sexual está associado a dificuldade de desenvolvimento de laços afetivos, maior prevalência de disfunções sexuais, maiores níveis de ansiedade de performance e menores índices de saúde física e mental (de Visser et al., 2006).

Na busca pela compreensão de fatores que podem influenciar a ocorrência da coerção sexual nos relacionamentos, o apego adulto (Hazan & Shaver, 1986) dos parceiros tem ganhado espaço nas pesquisas, principalmente nas possíveis relações entre as suas dimensões (ansiedade e evitação) e o impacto na perpetuação e/ou vitimização dessa forma de violência sexual (Karantzas et al., 2015). Além desse fator, os impactos da coerção sexual na qualidade do relacionamento também ganharam espaço na literatura (eg: Lopes et al., 2021), sendo a satisfação o resultado da avaliação dos possíveis custos e benefícios em um relacionamento, que leva em consideração, dentre outros fatores, características de personalidade dos cônjuges

- como o apego adulto - e mecanismos de retenção de parceria - como a coerção sexual (Buss & Shackelford, 2000; de Andrade et al., 2009).

Esse trabalho teve por objetivo levantar, pelo prisma da psicologia evolucionista, as relações entre apego adulto e coerção sexual e suas discrepâncias na literatura. Também realiza um estudo empírico para verificá-las no contexto brasileiro, juntamente à satisfação do relacionamento. O Brasil é um país com alto índice de violência entre parceiros íntimos (Énoix, 2015) dado que ressalta a importância da atenção a todos os fatores que podem influenciá-la.

É importante a compreensão crítica desse assunto sensível, principalmente por seus grandes mal-entendidos por outras áreas que estudam a violência sexual. Explicar um comportamento de violência sexual à nível distal não é um atestado de aval social para que ele aconteça, muito menos uma justificativa moral para embasar indivíduos que o perpetuam (Varella et al., 2013; Winegard et al., 2014). É importante que se separe um diagnóstico de adaptação de falácias naturalísticas recorrentemente divulgadas no meio científico. A seleção natural não é sobre moral ou intenção de danos, é sobre aptidão e não se refere a nenhum valor de julgamento humano (Symons, 1979). Entender as bases do problema nos permite desenvolver formas mais eficazes de contorná-lo (e até extingui-lo).

Referências

de Andrade, A. L., Garcia, A. & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(3), 143–156. Recuperado em 12 de julho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300012&lng=pt&tlng=pt.

De Visser, R. O., Rissel, C. E., Richters, J., & Smith, A. M. A. (2007). The impact of sexual coercion on psychological, physical, and sexual well-being in a representative sample of Australian women. *Archives of Sexual Behavior*, *36*, 676–686.

<https://doi.org/10.1007/s10508-006-9129-0>

Énois Inteligência Jovem, Instituto Vladimir Herzorg & Instituto Patrícia Galvão (2015).

Machismo e violência contra a mulher. Instituto Patrícia Galvão. Dados e Fontes.

Recuperado em 21 de Fevereiro de 2023.

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/meninapodetudo-machismo-e-violencia-contra-a-mulher-enois-inteligencia-joveminstituto-vladimir-herzoginstituto-patricia-galvao-2015/>

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process.

Journal of Personality and Social Psychology, *52*(3), 511–524.

Karantzas, G. C., McCabe, M. P., Karantzas, K. M., Pizzirani, B., Campbell, H., & Mullins, E.

R. (2015). Attachment Style and Less Severe Forms of Sexual Coercion: A Systematic

Review. *Archives of sexual behavior*, *45*(5), 1053–1068. [https://doi.org/10.1007/s10508-](https://doi.org/10.1007/s10508-015-0600-7)

[015-0600-7](https://doi.org/10.1007/s10508-015-0600-7)

Lopes, G. S., Holanda, L. C., DeLecce, T., Holub, A. M., & Shackelford, T. K. (2021). Sexual

coercion, mate retention, and relationship satisfaction in Brazilian and American romantic

relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, *36*(13-14), 6647–6669.

<https://doi.org/10.1177/0886260518821458>

Tinbergen, N. (1963). On aims and methods of Ethology. *Department of Zoology*, *20*(4), 410–

433. <https://doi.org/10.1111/j.1439-0310.1963.tb01161.x>

Thornhill, R., & Palmer, C. (2000). *A natural history of rape: Biological Basis of Sexual*

Coercion (2^a ed.). Massachusetts Institute of Technology.

- Tooby, J., & Cosmides, L. (2015). Conceptual foundations of evolutionary psychology. The handbook of evolutionary psychology, 5-67. <https://doi.org/10.1002/9780470939376.ch1>
- Varella, M. A. C., Santos, I. dos, Ferreira, J. H. B. P., & Vera Silvia Bussab. (2013). Misunderstandings in Applying Evolution to Human Mind and Behavior and its Causes: A Systematic Review. *EvoS Journal: The Journal of the Evolutionary Studies Consortium*, 5, 81–107.
- Shackelford, T. K., & Goetz, A. T. (2004). Men's sexual coercion in intimate relationships: development and initial validation of the sexual coercion in intimate relationships scale. *Violence and Victims*, 19(5), 541–556.
<https://doi.org/10.1891/vivi.19.5.541.63681>
- Symons, D. (1979). *The Evolution of Human Sexuality* (1^a ed.). Oxford University Press.
- Winegard, B. M., Winegard, B. M., & Deaner, R. O. (2014). Misrepresentations of Evolutionary Psychology in Sex and Gender Textbooks. *Evolutionary Psychology*, 12(3), 147470491401200. <https://doi.org/10.1177/147470491401200301>

**Capítulo 1: Associação entre apego adulto e coerção sexual: uma revisão crítica da
literatura**

Associação entre apego adulto e coerção sexual: uma revisão crítica da literatura**Association between sexual coercion and adult attachment: a critical review**

André Luis Moura de Oliveira Almeida

Mauro Silva Júnior

Manuscrito submetido à revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa***Resumo**

A associação entre coerção sexual e o apego inseguro é encontrada em diversos estudos, porém apresentam resultados, por vezes, divergentes. Com o objetivo de investigar as divergências, examinamos as diferenças conceituais e metodológicas da literatura como resultado da (a) diferenciação entre perpetração e vitimização, (b) diversidade de instrumentos utilizados, (c) diferenciação dos constructos de coerção sexual e violência entre parceiros íntimos, (d) estudos realizados com casais ou apenas com indivíduos; e (e) da diversidade populacional dos participantes. Concluímos que há uma associação entre coerção e apego, porém o grau de especificidade dessa associação é inconsistente devido os estudos apresentarem grande variedade nos aspectos analisados. Por fim, apontamos sugestões para aprimorar a sistematização dos estudos dada a importância do tema.

Palavras-chave: coerção sexual, apego ansioso, apego evitativo, psicologia evolucionista.

Abstract

Although the association between sexual coercion and insecure is found in several studies, divergences are commonplace. In order to investigate the controversies, we examined conceptual and methodological differences in the literature as a result of (a) the differentiation between perpetuation and victimization, (b) diversity of instruments, (c) differentiation between sexual coercion and intimate partner violence, (d) dyadic studies or with individuals only; and (e) the populational diversity of participants. We conclude that there is an association

between coercion and attachment, but the degree of the specificity of this association is inconsistent because the studies present great variety in the aspects analyzed. Finally, we point out suggestions to improve the systematization of the studies given the importance of the theme.

Keywords: sexual coercion, anxious attachment, avoidant attachment, evolutionary psychology.

A perpetração e vitimização da coerção sexual (CS) são preocupações que envolvem as esferas sociais e acadêmicas, com o objetivo de compreender as suas causas e consequências (WHO, 2012). Embora, evidentemente relacionadas (Schatzel-Murphy, 2009), perpetração – submissão de alguém à CS - e vitimização – ser submetido a CS -podem ser compreendidas enquanto fenômenos distintos, porém interdependentes, que possuem seus próprios fatores de risco. Sobre os fatores que aumentam a vulnerabilidade à vitimização são investigados o abuso de álcool, histórico enquanto vítima de abuso sexual, tendência a comportamentos de risco e histórico de comportamentos de suicídio (Schatzel-Murphy et al., 2009). Enquanto os fatores relacionados à perpetração são fantasias sexuais coercitivas, hostilidade direcionada às mulheres (no caso de homens), alta homossexualidade, percepção de vulnerabilidade da vítima, compulsão sexual (no caso de mulheres) (Schatzel-Murphy et al., 2009; Tharp DeGue et al., 2012; Holmgreen & Oswald, 2017).

Outro fator que merece destaque é a relação entre CS e dimensões de apego adulto. Observa-se que nos últimos anos houve um aumento considerável da quantidade de estudos investigando a relação entre estas variáveis, buscando compreender o apego de indivíduos que perpetuam CS, ou são vítimas, ou ambos (Karantzas et al. 2015). Porém, considera-se que esses estudos ainda são incipientes (Dugal et al. 2021), e trazem dados por vezes contraditórios.

No intuito de buscar esclarecimentos, primeiramente apresentamos brevemente o desenvolvimento da literatura sobre coerção sexual e apego adulto. Em seguida, analisamos as

características dos estudos que podem *a priori* produzir resultados contraditórios, (a) diferenciando perpertuação e vitimização, (b) discutindo a diversidade de instrumentos utilizados, (c) a diluição da coerção sexual no constructo de *Intimate Partner Violence*, (d) a utilização de indivíduos *versus* díades, e a (e) limitada diversidade populacional investigada. Terceiro, discutimos como essas possíveis fontes de divergência podem estar relacionados à inconsistência dos resultados produzidos em diferentes estudos. Ao fim, apontamos sugestões para realização de estudos empíricos sistemáticos com a finalidade de atestar a relação entre coerção sexual e apego adulto.

Coerção sexual

A coerção sexual (CS) é definida como a utilização de estratégias e subterfúgios com o objetivo de pressionar e obter intercurso sexual, diante da não conformidade com a rejeição por parte da parceria (Shackelford & Goetz, 2004). Como formas mais comuns, tem-se a manipulação psicológica e a insistência física ou verbal (Struckman-Johnson et al. 2003), objetivando a condescendência por parte da vítima. A coerção difere do estupro, pois enquanto a primeira está caracterizada pela utilização de táticas de manipulação e indução, o último é caracterizado pela utilização da força física em diferentes graus de agressão. Embora, não seja caracterizada pela utilização da violência física, a coerção sexual não deixa de ser um comportamento menos preocupante, dado que a prevalência e frequência de sua perpetração por homens sem histórico criminal, chegam à níveis próximos àqueles relatados por indivíduos acusados de crimes sexuais (Widman et al., 2013). Além disso, a sua natureza “sutil” - principalmente pela CS não ser entendida como violência, segundo estudos (Oswald & Russel, 2006; Lopes et al., 2021) - pode mascarar formas complexas de manipulação, nas quais o perpetrador subjuga a vítima a atender as suas necessidades.

As manipulações psicológicas são um conjunto de táticas que visam a diminuição da resistência psicológica do indivíduo e/ou a mudança de seu estado afetivo em relação ao

comportamento sexual. Elas acontecem por meio de ameaças de término do relacionamento, ameaças e/ou busca por sexo fora do relacionamento, retirada de benefícios, falsas promessas ou imprimindo culpa no parceiro, por exemplo. Já a insistência após recusa visa incitar a fase de desejo ou excitação do parceiro por tentativas incessantes até que a vítima ceda ao comportamento sexual. São utilizadas táticas como beijos, toques genitais e pressões verbais após uma negativa por parte da vítima (Karantzas et al., 2015; Struckman-Johnson et al. 2003; Shackelford & Goetz, 2004).

Os fatores relacionados ao sexo e a orientação sexual têm grande impacto na aceitabilidade da CS. Verifica-se que, comparados às mulheres, homens possuem maiores níveis de aceitabilidade quando comportamentos sexualmente coercitivos são realizados por indivíduos do seu próprio gênero (Karantzas et al., 2015). Além disso, se identificar como heterossexual, em oposição a lésbica, gay e bissexual prevê visões mais favoráveis à coerção sexual independente do gênero do participante (Dellpriori, 2022). Aliado a esses dados, estudos mostram que as vítimas tendem a normalizar a coerção sexual sofrida (Gaspar et al., 2021; Lopes, 2021), o que contribui para a inviabilização e subnotificação desse tipo de violência (Dugal et al., 2021).

Dados de diferentes países mostram a grande ocorrência de CS em casais heterossexuais, nos quais maioritariamente as mulheres são as vítimas de seus parceiros (WHO, 2010). Enquanto diversos estudos confirmam a vitimização de mulheres (e.g.: Katz & Myhr, 2008; Koss & Oros, 1982; Juodis et al., 2014; Shackelford & Goetz, 2004; Jeffrey & Barata, 2016; He & Tsang, 2017), há poucos estudos sobre a vitimização de homens em relacionamentos heterossexuais, o que pode ser explicado por uma interpretação diferente de homens e mulheres sobre a CS, de acordo com o script social de seus papéis de gênero – homens não poderiam recusar investidas de comportamento sexual, por exemplo (Brousseau et al., 2011). Por outro lado, o estudo sobre a ocorrência de CS em relacionamentos de

orientação gay, lésbica e bissexual vem ganhando espaço conforme o passar dos anos (e.g.: Dugal et al., 2021; Dellpriori, 2022).

As consequências psicológicas para a vítima são importantes, como por exemplo o desenvolvimento de síndrome de estresse pós-traumático, problemas de autoestima, depressão, ansiedade, somatizações, estratégias de enfrentamento negativas e até tentativa de suicídio (Katz & Myhr, 2008; De Visser et al., 2007; Jeffrey & Barata, 2017). Em um cenário onde até 71% das mulheres (globalmente) já apontaram algum tipo de violência (física ou sexual) advinda de seus parceiros (Garcia-Moreno et al., 2006) e, no Brasil, 47% das mulheres já se sentiram forçadas pelos parceiros a engajarem em comportamentos sexuais (énois inteligência jovem et al., 2015), tais impactos tornam a compreensão da violência sexual e suas variantes de vital importância para elaboração de políticas públicas.

Segundo Goetz e Shackelford (2009), a coerção sexual em relacionamentos íntimos por parte dos homens estaria muito relacionado às táticas anti-infidelidade, diante da ameaça percebida (real ou imaginada) de infidelidade da parceira. O agressor investiria em táticas sexuais coercitivas que garantiram, no passado evolutivo, maior probabilidade de fecundação (Goetz & Shackelford, 2006; Vance et al., 2021). A coerção sexual estaria, então, relacionada a estratégias mais “brandas” de intimidação e persuasão, que atenua os custos de uma cópula forçada, mas mantém os benefícios para o agressor- vantagem na competição de esperma, certeza da paternidade e atenuação do risco de evasão da parceira (Lopes et al., 2018).

Apego Adulto

As dimensões de apego também são fatores importantes associados à coerção sexual - tanto na sua perpetração, quanto na vitimização (Holmgren & Oswald, 2017; Barbaro et al., 2018; Karantzas et al., 2016). Estudar os processos de regulação emocional pela ótica da teoria do apego, pode ajudar na compreensão da relação do desencadear da violência no contexto de

intimidade, em outras palavras, como o amor e a violência podem se relacionar (He & Tsang, 2014).

A teoria do apego postula que um sistema motivacional interno, selecionado evolutivamente, organiza uma série de comportamentos que mobiliza a ligação do infante aos adultos, pois favoreceu a proteção e nutrição (Hazan & Shaver, 1987). Tal ligação possibilita o aprendizado e o desenvolvimento de novos repertórios (Schmitt et al., 2004; Del Giudice, 2019). Hazan e Shaver (1987) interpretam o amor romântico entre adultos enquanto um processo de apego, cooptado do apego infantil. Tal qual o apego infantil, o apego adulto possuiria três grandes estilos (seguro, evitativo e ansioso/ambivalente), que resultam em parte de modelos internos do self e do funcionamento da vida social. Dessa forma, o apego facilitou ancestralmente o processo de parceiros sexuais adultos se tornarem pais e cuidarem de uma prole dependente (Hazan & Shaver, 1987).

O apego adulto começou a ser descrito a partir do apego infantil, utilizando-se os termos que faziam referência aos estilos “*secure*”, “*insecure-dismissing*”, “*insecure-preoccupied*” e “*disorganized*” (Hazan & Shaver, 1987). Porém, a compreensão a partir de dimensões se mostrou mais eficaz para explicar o apego adulto (Mikulincer & Shaver, 2012; Hazan & Shaver, 1987), na medida em que os indivíduos possuem diferentes níveis das dimensões investigadas (e.g. proximidade, dependência, ansiedade e evitação). A mensuração dessas dimensões é feita, em grande parte, por meio de instrumentos de autorrelato (e.g.: Natividade & Shiramizu, 2015), e com base neles avalia-se o grau em que um indivíduo se ativa em determinada dimensão de apego, ao invés de possuírem ou serem de determinado estilo.

Esse sistema é ativado dentro de um contínuo entre a hipoativação (evitação) e a hiperativação (ansiedade), que são responsáveis pela resposta aos estímulos gerados pelo relacionamento amoroso (Mikulincer & Shaver, 2012). A partir do modelo dimensional (Fraley & Shaver, 2000) o apego é descrito com base em ativações dessas dimensões: (1) apego

evitativo - desconforto com a proximidade afetiva, desconfiança na relação e nas boas intenções do companheiro e maior necessidade de independência - caracterizado por escores baixos na dimensão ansiedade e alto na dimensão evitação; e (2) apego ansioso - percepção de baixo envolvimento do outro, empreendimento constante de energias na busca por afeto e proximidade, além de sentimentos de raiva e ressentimento na ausência dos estímulos de afeto - caracterizado por baixos escores na dimensão evitação e altos escores na dimensão ansiedade. Baixos níveis em ambas essas dimensões sugerem indivíduos mais seguros de seu relacionamento, com visões positivas em relação a si e ao parceiro, além de empreender boas estratégias de regulação emocional (Mikulincer & Shaver, 2012). Outros modelos, porém, incorporam um número maior de dimensões, tais como *dismissing*, *preoccupied*, e *fearful* (Schmitt et al., 2004).

É importante pontuar que a ativação do sistema de apego é dinâmica a depender das características do relacionamento do indivíduo (Fraley & Roisman, 2019; Hazan & Shaver, 1987). Diante de pistas que hiperativem o sistema de insegurança em um dos parceiros, o outro pode lançar mão de táticas de “amortecimento” - oferecendo suporte emocional ao indivíduo ansioso, por exemplo - que diminuem a sensação de desconforto e as possíveis táticas comportamentais derivadas da ativação (Simpson & Overall, 2014). O estudo de Salvatore et al. (2011), acompanhou 73 indivíduos, desde sua infância, para verificar a construção e variação do apego em seus relacionamentos ao longo da vida. Percebeu-se que, dependendo da parceria, o mesmo indivíduo lidava diferentemente com conflitos oriundos de pistas ativadoras do sistema de apego, confirmando que indivíduos podem fluir em diferentes dimensões de apego conforme funcionamento das diferentes parcerias ao longo de suas vidas (Simpson & Overall, 2014; Hazan & Shaver, 1987).

Associação entre apego e coerção sexual

Indivíduos com alto nível na dimensão de apego ansioso apresentam grande necessidade de aproximação com a parceria, evidências constantes relacionadas ao grau de vinculação, grande preocupação com o relacionamento, e superdimensionam as pistas de evasão dos seus parceiros (Barbaro et al., 2018). Esses fatores estão relacionados a uma maior tendência de realização de comportamentos de retenção de parceiros, incluindo a utilização do sexo como pistas de vinculação afetiva, isto é, reassegurar a disponibilidade amorosa ao parceiro (Barbaro et al., 2018). Dessa forma, indivíduos com alto nível na dimensão de apego ansioso poderiam apresentar comportamentos mais coercitivos em relação ao comportamento sexual, bem como se tornarem mais vulneráveis à coerção sexual (Karantzas et al., 2015).

O estudo de Barbaro et al. (2018), encontrou relação direta e positiva entre a dimensão de apego ansioso e perpetração de CS em ambos os sexos. Resultados similares no que tange à perpetração da coerção sexual e a associação entre a dimensão ansiosa foram encontrados em outros estudos recentes (eg: Sommer et al., 2017; He & Tsang, 2017). Estudos também apontam para a relação entre a dimensão de apego ansioso e a maior probabilidade de vitimização de coerção sexual, principalmente em mulheres (eg: Sandberg et al., 2019; Bonacheet al., 2019). No estudo de Dugal et al. (2021), a relação indireta entre a dimensão de apego ansioso e coerção sexual emergiu na relação entre a díade quando um dos parceiros apresentava maiores níveis de comunicação demanda/retirada. Porém, não houve relação direta entre apego ansioso do indivíduo e sua vitimização da coerção sexual.

A dimensão de apego evitativo é marcada pela necessidade de controle da relação e do espaço pessoal, maior grau de desconforto com a aproximação, menor preocupação com a parceria e excessiva autoconfiança (Mikulincer & Shaver, 2012). Em pessoas com estes maiores níveis nessa dimensão, a perpetração da coerção sexual poderia estar associada a um maior controle sobre a parceria, ratificação da autoestima e manutenção de status social, enquanto a vitimização poderia estar associada a táticas de evitação de conflitos ou percepção

de perda de controle da relação (Karantzas et al., 2015). Ao encontro parcial dessa hipótese, o estudo de Dugal et al. (2021) com casais franco-canadenses encontrou associação direta entre vitimização de coerção sexual e apego evitativo. Barbaro et al. (2018), encontraram relação entre perpetração da coerção sexual e dimensão de apego evitativo, enquanto variável moderadora da relação entre coerção sexual e dimensão de apego ansioso, porém apenas para homens.

Na revisão sistemática de Karantzas et al. (2015), dos 11 estudos analisados, foi mais frequente a associação do estilo de apego ansioso à vitimização de coerção sexual em suas várias formas, principalmente em mulheres. Já o apego evitativo foi frequentemente mais associado à perpetração da coerção sexual, principalmente em homens. Uma análise mais recente sobre *Intimate Partner Violence* (IPV) (Velotti et al., 2018), com seis estudos sobre vitimização de coerção e violência sexual e sete sobre perpetração, encontrou, para vitimização, associações com violência sexual e dimensão de apego ansioso em três dos estudos, enquanto um estudo encontrou associação direta entre apego evitativo e violência sexual – apenas para homens. Dois estudos não encontraram essa associação. Para a perpetração, com exceção de dois estudos que não encontraram associação, cinco estudos apontaram associação entre violência sexual (incluindo coerção sexual) com ambas as dimensões de apego.

Nota-se importantes diferenças entre estudos no que tange à metodologia aplicada. Percebe-se amostras com maior ou menor diversidade de variáveis sociodemográficas, dados de indivíduos ou díades, diferentes instrumentos utilizados e focos mais generalizados (violência no contexto do relacionamento) ou mais específicos (coerção sexual). Dessa forma, cabe levantar alguns dos fatores que levam à essa divergência nos resultados, porém com a limitação da interação entre as diversas variáveis distintas no delineamento dos diferentes estudos.

Diversidade de instrumentos

A mensuração do aspecto relacionado ao apego tem como padrão majoritário a utilização do *Experience in Close Relationships Scale* - em sua versão reduzida (Meifen et al., 2007). Em relação à coerção sexual predominam *The Sexual Experiences Survey* (Koss & Oros, 1982), *Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale – SCIRS* (Shackelford & Goetz, 2004) e a *Conflict Tactical Scale – 2* (Straus et al., 1996).

The Sexual Experiences Survey (SES) foi construído para descrever e capturar um contínuo de comportamentos sexuais indesejados, indo de coerção sexual ao estupro (ou tentativa). Ele é formado por sete descrições de situações em que houve comportamentos sexuais não consentidos e cinco táticas (psicológicas, emocionais ou físicas) para a obtenção do comportamento não consentido. O participante indica a frequência e a duração em que comportamentos sexuais indesejados aconteceram. As perguntas são relacionadas aos eventos ao longo da vida do indivíduo, desde os 14 anos de idade até o presente.

Segundo Shackelford e Goetz (2004), apesar de amplamente utilizado e com grandes contribuições para os estudos da área, o SES avalia a vitimização de coerção sexual ao longo da vida do indivíduo, tornando difícil a compreensão de aspectos relacionados ao relacionamento atual do respondente. Uma nova versão do instrumento (Koss et al. 2007) visou ajustar alguns pontos críticos (ex.: falta de clareza no que tange ao uso de álcool ou drogas para categorizar estupro; perguntas de “sim e não” que não determinavam periodicidade), porém alguns estudos mais recentes ainda utilizam a versão anterior (Holmgreen & Oswald, 2017, Dang & Gorzalka, 2015).

Utilizando o SES, o estudo de Smallbones e Dads (2000), encontrou relação entre a perpetração da coerção sexual e dimensão de apego evitativo, mas não encontrou relação significativa para a dimensão ansiosa. Porém um estudo mais recente, utilizando a mesma escala, não encontrou relação significativa entre a coerção sexual e nenhuma dimensão de apego inseguro (Holmgreen & Oswald, 2017).

O instrumento Sexual Coercion in Intimate Relationship Scale (SCIRS) foi construído com o objetivo de capturar comportamentos mais sutis de coerção sexual, tais como insinuações, manipulação psicológica, ameaças, retenção e provimento de recursos e insistência, voltados para o relacionamento atual do indivíduo. São 34 itens avaliados que indicam a frequência em que determinado ato coercitivo aconteceu no último mês. Foram construídas duas versões do mesmo instrumento adaptadas ao gênero do participante, na qual é avaliada a vitimização na versão feminina, enquanto é avaliada a perpetração na versão masculina.

A SCIRS é uma escala com alto grau de confiabilidade e validade, com foco exclusivo nos comportamentos de coerção sexual (Lopes et al., 2018; He, Tsang & Lee, 2013; Goetz & Shackelford, 2006; Shackelford & Goetz, 2004). Porém, o instrumento não consegue capturar a insistência pós-recusa, tática de coerção sexual utilizada em maior frequência por homens (Struckman-Johnson et al. 2003; Hernández & Gonzalez-Mendez, 2009). Além disso, a ausência de uma avaliação inicial para identificar o público-alvo válido (quem cometeu ou já sofreu a coerção sexual), pode inflar a prevalência de coerção sexual e diminuir a validade da medida (He et al., 2013). Outra limitação desse instrumento é que ele não capta a perpetração da coerção praticada pelas mulheres e vitimização sofrida pelos homens. Embora, como discutido previamente, o padrão oposto seja muito mais frequente, a perpetração por parte das mulheres existe e pode ser ignorada por conta dos scripts sexuais assumidos na sociedade (Struckman-Johnson et al., 2003). Além disso, a escala não foi construída ou adaptada para os casais do mesmo sexo. Portanto, é necessário verificar como esses casais reportam a vitimização e perpetração da coerção sexual, haja vista que há dados que indicam a existência de coerção sexual em casais homoafetivos, porém ambos os membros do casal possuem o mesmo gênero.

Os estudos que utilizaram a escala SCIRS também apresentam algum grau de divergência em seus resultados. Quanto à perpetração da coerção sexual, alguns estudos apontam relação significativa com a dimensão de apego ansioso (Barbaro et al. 2018; He & Tsang, 2014). Não foi encontrado estudos utilizando o SCIRS que apontem sua relação direta com o apego evitativo. Para vitimização, os resultados são ainda mais diversos, na medida em que alguns estudos sustentam a relação direta entre a dimensão de apego ansioso e vitimização da coerção sexual (Ross et al., 2016), ao passo que Dugal et al. (2021) não encontraram relação direta significativa. Quanto a dimensão evitativa e a vitimização, alguns estudos encontraram relação direta significativa (Dugal et al, 2021; Bonache et al. 2016), outros não a encontraram essa relação (Ross et al., 2016; He & Tsang, 2014).

A Conflict Tactical Scale - 2 (CTS-2) é um inventário de 78 itens, que abarcam uma gama de comportamentos compreendidos como violência íntima entre parceiros (IPV) diretamente voltados à parceria atual. Está dividido nas subescalas, negociação, agressão psicológica, agressão física, coerção sexual e dano. Por englobar uma gama de violência dentro do relacionamento, a coerção sexual ganhou pouco destaque no CTS-2. A falta de maior distinção entre os comportamentos de coerção sexual (ex.: I used threats to make my partner have sex) impossibilita a compreensão clara a respeito das diferentes formas que tal comportamento pode se apresentar (Shackelford & Goetz, 2004). Além disso, apesar de ser um instrumento importante para mensurar a violência entre parceiros íntimos, foi constatado alguns problemas de consistência interna na parte do instrumento que captura coerção sexual em amostra de mulheres e de díades (Chapman & Gillespie, 2019). Tais fatores são críticos para o estudo de comportamentos de coerção sexual, haja visto que acontecem, majoritariamente, vitimizando mulheres (Krahé et al., 2014; WHO, 2012) e sua maior ocorrência é pelo parceiro dentro de relacionamentos íntimos (Struckman-Johnson et al., 2003; Black et al., 2011).

Gottlieb e Schmitt (2023) e Sommer et al. (2020), por exemplo, encontraram alguma correlação entre apego inseguro e coerção sexual (e outros tipos de violência íntima entre parceiros). Porém, os resultados variaram em termos de modalidade (vitimização e perpetração) e estilos de apego. Para ilustrar, enquanto Sommer et al. (2020) encontraram associação entre apego ansioso, mas não evitativo, de ambos os parceiros e perpetração de coerção sexual, Gottlieb e Schmitt (2023) encontraram relação para ambos os estilos de apego e perpetração da violência (incluindo a sexual).

Intimate Partner Violence

Coletar dados sobre coerção sexual através da ótica da violência entre parceiros íntimos (IPV) pode ser um fator importante que contribui para a divergência entre os estudos. IPV é um termo “guarda-chuva” que engloba outros tipos de violência com parceiros íntimos, além da coerção sexual, e pode ser definida como uma série de comportamentos violentos entre parceiros em um relacionamento íntimo, que causam algum dano ou prejuízo físico ou psicológico (WHO, 2012). Incluem comportamentos como agressões físicas, violências sexuais (incluindo coerção sexual) e violências psicológicas (Katafiasz, 2020), além de ser um forte preditor para o homicídio em contextos domésticos (Juodis et al., 2014).

Segundo a revisão sistemática de Velotti et al. (2018), dos 45 estudos encontrados que associam IPV às dimensões de apego, mais de 60% dos estudos focaram em violência física, 45% deles investigaram violência psicológica e um pouco mais de 1% investigou violência no contexto sexual, incluindo coerção sexual. No entanto, a forma e as consequências da coerção sexual são diferentes daquelas que envolvem violência física e abuso psicológico (Tarzia, 2020). Ambas são distintas no que tange à percepção pelos sexos (Brousseau et al., 2011) e com diferentes impactos na saúde mental (De Visser et al., 2007; Jeffrey & Barata, 2017). Além disso, a coerção sexual é compreendida socialmente de forma diferente da violência física (Karantzas et al., 2015) e menos notificada às autoridades (Dugal et al., 2021). A baixa

produção de estudos focados na coerção sexual termina por dificultar o esclarecimento mais aprofundado acerca dessa violência específica e de como ela se associa às dimensões de apego (Dugal et al., 2021).

Quando a coerção sexual é mensurada por meio de instrumentos que também mensuram IPV, percebe-se menor clareza nos resultados das associações entre apego e coerção sexual (eg: Holmgreen & Oswald, 2017; Karakurt, 2019; Gottlieb & Schmitt, 2023). Contrariamente, quando aplicados instrumentos específicos para medir a coerção sexual, os estudos encontram relações mais claras entre as dimensões de apego inseguro – evitação e ansiedade - e a coerção sexual (Dugal et al., 2021; Barbaro et al. 2018; Ross et al., 2016; Bonache et al. 2016; He & Tsang, 2014). Quando a coerção sexual é avaliada dentro das diversas táticas de IPV, os possíveis efeitos de relação com o apego podem ser diluídos, de modo que não se observe as relações encontradas quando se mensura apenas coerção e apego. Adicione-se a isso, o fato de que as escalas de IPV medem apenas poucos constructos relacionados a coerção, enquanto as construídas para mensurar coerção sexual capturam uma quantidade maior de comportamentos (Shackelford & Goetz, 2004; He et al., 2013).

Díade x indivíduo

A utilização de um único indivíduo e não de uma díade (casal) pode ser um fator igualmente importante para a divergência dos resultados em diferentes estudos, dado que, em sua maior parte, a coerção sexual ocorre no contexto de relacionamento íntimo (Breiding et al., 2014; Bagwell-Gray et al., 2015), e pelo fato da perpetração masculina poder ser sub-relatada. Dada as possíveis diferenças entre o nível de afeto e cuidado em um relacionamento íntimo atual, comparado com relacionamentos casuais e passados (Goetz & Shackelford, 2006), o estudo da coerção sexual dentro de uma díade se torna mais clara quando comparado a outros relacionamentos sexuais de curto prazo e ao longo da vida do indivíduo.

Além disso, vítimas de coerção sexual tendem a reportar mais violência, quando comparado a perpetradores (Brousseau et al., 2011), o que pode levar a falta de clareza acerca da acurácia dos relatos de coerção sexual por parte de apenas um dos indivíduos - dado, provavelmente, melhor compreendido e explicado com a comparação dos dados intradúades. Outro fator importante é a natureza recíproca da coerção sexual (O'Leary et al., 2011), que acaba sendo desconsiderada quando os dados de apenas um dos indivíduos são utilizados nas pesquisas.

Há diferenças importantes entre os relacionamentos ao longo da vida do indivíduo no que tange a ativação de seu sistema de apego (Hazan & Shaver, 1986), o que leva a crer que estudos que não levam em consideração a díade - dimensões de apego e esquemas de amortecimento da parceria (Salvatore et al., 2011), podem influenciar fortemente na identificação acurada da associação entre a dimensão de apego e a coerção sexual. É importante lembrar, que a proposta original de apego adulto como equivalente ao apego infantil, já apontava limitação de se investigar somente um dos membros do casal (Hazan & Shaver, 1987).

Nos estudos de Dugal et al. (2021) e de He e Tsang (2014), por exemplo, verificou-se a utilização dos mesmos instrumentos para mensuração de vitimização de coerção sexual e dimensões de apego (SCIRS e ECR-R, respectivamente), porém diferentes delineamentos de participantes – o primeiro utilizou dúades, enquanto o segundo, apenas um único indivíduo. Em Dugal et al. (2021), a dimensão de apego evitativo estava associada à percepção de vitimização de coerção sexual, enquanto a dimensão ansiosa não estava diretamente associada à vitimização. Já no estudo de He & Tsang (2014), a relação foi oposta, maiores níveis na dimensão ansiosa estavam associados à perpetração por parte dos homens, enquanto maiores níveis na dimensão evitativa não mostraram relação direta com a vitimização de coerção sexual.

Diversidade populacional

Apesar dos esforços para investigar a relação entre coerção sexual e apego em uma amostra retirada da comunidade (e.g.: Sommer et al., 2016; Barbaro et al, 2018; Dugal et al, 2021), em sua maioria, os dados dos estudos são coletados dentro de uma amostra universitária e jovem (e.g.: Dads & Smallbones, 2000; Ménard et al., 2010; He & Tsang, 2014; Dang & Gorzalka, 2015; Holmgreen & Oswald, 2017; Sandberg et al., 2019; Karakurt et al., 2013).

A crítica de Heinrich et al. (2010) a respeito das amostras utilizadas em estudos acerca do comportamento humano ainda é pertinente na discussão sobre a generalização e replicação de pesquisas realizadas com populações que possuem pouca ou nenhuma variabilidade. É constante a utilização de populações, maioritariamente, brancas, ocidentalizadas, industrializadas, oriundas de países ricos e democratizados - daí o acrônimo WEIRD (em inglês, Western, Educated, Industrialized, Rich and Democratic) - representadas, em sua maioria, por estudantes universitários. Partindo do pressuposto teórico de que a humanidade, enquanto espécie, divide características genéticas e propensões comportamentais, porém com variações importantes conforme as demandas culturais e sociais (Gangsted et al., 2006), é necessário considerar a diversidade cultural para responder questões de uma perspectiva evolucionista. Além do recorte cultural enviesado na direção de culturas ocidentais, estudos frequentemente podem chegar a resultados diferentes ou contraditórios quando são realizados na mesma cultura, mas com populações distintas, como por exemplo população geral versus jovens universitários (Henrich et al., 2010). Dado que grande parte das pesquisas em psicologia, ainda utiliza extensamente estudantes universitários, os resultados sobre a relação entre coerção e apego encontrados nessa parcela da população podem não ser generalizáveis para a população em geral.

Ainda que se busque uma variedade étnica que possa representar a diversidade da espécie humana empreendendo esforços para o recrutamento da população geral na

comunidade (Langton et al, 2015) ou através das redes sociais (Dugal et al, 2021; Barbaro et al, 2018), por exemplo, ainda há críticas importantes no que tange aos meios pelos quais se recrutam indivíduos para as pesquisas. O MTurk é uma ferramenta muito utilizada no meio da pesquisa comportamental com seres humanos (Webb & Tangney, 2022) e que tem como objetivo otimizar o recrutamento de amostra, prometendo uma diversidade importante nos dados no que tange à variedade étnica, etária e sociocultural. Porém levantam-se críticas a validade das respostas (Webb & Tangney, 2022) e a verdadeira representatividade, no que tange a população geral, das amostras (Walters et al., 2018), direcionando a amostra ao mesmo paradigma WEIRD. Mesmo que o objetivo do MTurk seja fornecer amostras mais diversificadas, as amostras relatadas nos estudos (Barbaro et al., 2018) continuam não representando a diversidade étnica encontrada nos países nos quais os estudos foram realizados (US Census Bureau, 2021).

Como um exemplo, o estudo de Langton et al. (2015) selecionou pessoas a partir da comunidade local em Québec, enquanto o de Barbaro et al. (2018) utilizou o MTurk. No estudo com participantes amostrados em comunidades, foi encontrada uma associação entre a dimensão da evitação e coerção sexual (Langton et al., 2015). Já o estudo que utilizou MTurk, a ansiedade foi um preditor direto e positivo da coerção, porém a evitação predizia apenas quando conjugada com níveis altos da dimensão de ansiedade (Barbaro et al., 2018).

A baixa sistematização dos instrumentos, os diferentes delineamentos, o foco difuso na violência em parceiros íntimos e a escassez de estudos correlacionando as duas variáveis, acabam se confundindo no que tange ao impacto real da diversidade étnica e populacional nos estudos realizados. Dessa forma, se torna um exercício complexo a delimitação do nível de extensão da influência dessa população nos estudos atuais, quando comparado à estudos que utilizam populações mais diversas. Porém, os dados atuais são, majoritariamente, universitários e restringem a compreensão dos fenômenos psicológicos como um todo (Henrich et al., 2010),

inclusive do mecanismo do relacionamento entre coerção sexual e as diversas dimensões de apego.

Considerações finais

Ao longo desse trabalho buscamos discutir possíveis fontes de divergência de resultados entre estudos que buscam associação entre coerção sexual e as dimensões de apego. Entre essas fontes de variação, descrevemos as questões envolvendo sistematizações em termos de diversidade de instrumentos, diluição da coerção sexual no constructo da IPV, estudos com indivíduos versus díades e diversidade populacional. Uma dificuldade adicional parece emergir que parte significativa dos estudos varia simultaneamente em mais de um desses elementos, o que torna difícil afirmar, com absoluta certeza, que as diferenças de resultados se devem à apenas a um deles e não a dois ou mais. Por exemplo, o estudo de Barbaro et al. (2018) utilizou o MTurk e SCIRS, enquanto Sommer et al. (2017) utilizaram uma amostra proveniente de uma comunidade local e a escala CTS-2.

Embora essa descrição tenha apontado para uma grande diversidade de resultados, existem razões suficientes para afirmar que há, de fato, uma associação entre coerção sexual e dimensão de apego inseguro, dada a quantidade de estudos que encontraram, genericamente, essa associação. De uma forma geral, diferentes estudos chegaram à conclusão que um ou outro tipo de apego inseguro está associado ou a perpetração ou a vitimização (Gottlieb e Schmitt, 2023; Dang & Gorzalka, 2015; Barbaro et al, 2018; Barbaro et al., 2018; Bonacheet al., 2019; Gaspar et al., 2021; Dugal et al., 2021). Essa associação permanece mesmo com diferentes instrumentos utilizados e culturas ou populações amostradas. Exceção é Kalitchman et al. (1993), por exemplo.

A maior divergência entre os estudos parece estar associada ao grau de especificidade da relação entre os subdomínios de apego inseguro – ansioso e evitativo – e a coerção sexual. Como demonstrado, houve variações significativas em termos da associação das diferentes

dimensões de apego, ora com vitimização, ora com perpetração da coerção sexual. Embora o nosso objetivo tenha sido discutir possíveis fontes de discordância entre os estudos, não podemos a partir dessa revisão apontar de maneira inequívoca as razões pelas quais existem discrepâncias nesse nível de especificidade. Porém, esperamos que, a partir dela, os próximos estudos considerem investigar as razões das discrepâncias nesse nível de especificidade. Dessa forma, não são apenas necessárias mais pesquisas sobre o tema, mas também replicações, variando sistematicamente as características metodológicas dos estudos.

Além disso, conforme mencionado, os estudos apresentam limitações em termos de quão generalizáveis são os seus achados a partir das características das populações estudadas. Grande parte dos estudos que investigam a associação entre coerção sexual a apego adulto são transversais, correlacionais, com populações de conveniência e de jovens. Soma-se a isso o fato de as escalas produzidas serem utilizadas apenas por participantes provenientes de culturas WEIRD. Embora existam evidências em diversas culturas de controle coercitivo dos homens sobre suas parceiras, análises transculturais são necessárias para identificar se a relação entre coerção sexual, especificamente, e apego adulto são universalmente encontradas. Enquanto isso, limitações em relação à confiabilidade das escalas, seu uso pela população geral, casais, e por indivíduos de outras orientações sexuais devem ser melhor esclarecidos.

A compreensão da relação entre coerção sexual e apego pode fornecer dados que servirão como norteadores para a construção de políticas de identificação de abusos e programas de apoio continuados à casais, além de ferramentas clínicas para lidar com o aspecto da coerção sexual dentro de relacionamentos. A identificação de vulnerabilidades individuais para a vitimização e perpetração de violência é um fator primário na prevenção e aprimoramento da saúde do relacionamento (Black et al., 2011), dessa forma, a compreensão clara acerca da suscetibilidade à violência é imprescindível.

Estudos futuros podem levar em consideração instrumentos que tragam maior foco na coerção sexual, especificamente, e suas nuances dentro de um relacionamento (He et al., 2013; Hernández & Gonzalez-Mendez, 2009; Shackelford & Goetz, 2004), a utilização de uma população mais ampla - para além da amostra universitária e heterossexual - assegurando uma maior generalização dos resultados (Heinrich et al., 2010) e pares de indivíduos em um relacionamento estável (díades), garantindo a captura da percepção dos parceiros a respeito da severidade ou grau de dano do que é experienciado (Brousseau et al., 2011).

Referências

- Bagwell-Gray, M. E., Messing, J. T., & Baldwin-White, A. (2015). Intimate partner sexual violence: A review of terms, definitions, and prevalence. *Trauma, Violence & Abuse, 16*(3), 316–335. <https://doi.org/10.1177/1524838014557290>
- Barbaro, N., Holub, A. M. & Shackelford, T. K. (2018). Associations of attachment anxiety and avoidance with male- and female-perpetrated sexual coercion in romantic relationships. *Violence and Victims, 33*(6), 1176–1192. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-17-00141>
- Black, M. C., Basile, K. C., Breiding, M. J., Smith, S. G., Walters, M. L., Merrick, M. T., et al. (2011). *National intimate partner and sexual violence survey: 2010 summary report*. National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease and Control and Prevention. Recuperado em 25 de Abril de 2023. https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/nisvs_report2010-a.pdf
- Bonache, H., Gonzalez-Mendez, R., Krahé, B. (2019). Adult attachment styles, destructive conflict resolution, and the experience of intimate partner violence. *J Interpers Violence, 34*(2):287–309. <https://doi.org/10.1177/0886260516640776>
- Breiding, M. J., Smith, S. G., Basile, K. C., Walters, M. L., Chen, J., & Merrick, M. T. (2014). Prevalence and characteristics of sexual violence, stalking, and intimate

partner violence victimization–national intimate partner and sexual violence survey. *Morbidity and mortality weekly report. Surveillance summaries*, 63(8), 1–18. <https://doi.org/25188037/>

Brousseau, M. M., Bergeron, S., Hébert, M. & McDuff, P. (2011). Sexual coercion victimization and perpetration in heterosexual couples: a dyadic investigation. *Arch Sex Behav*. 40(2), 363–72. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9617-0>

Dang, S. S., & Gorzalka, B. B. (2015). Insecure attachment style and dysfunctional sexual beliefs predict sexual coercion proclivity in university men. *Sexual medicine*, 3(2), 99–108. <https://doi.org/10.1002/sm2.60>

de Visser, R. O., Rissel, C. E., Richters, J., & Smith, A. M. A. (2007). The impact of sexual coercion on psychological, physical, and sexual well-being in a representative sample of Australian women. *Archives of Sexual Behavior*, 36(5), 676–686. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9129-0>

Dellpiori, D.J. (2022). Examining associations between participant gender, desired partner gender, and views toward sexually coercive behaviors. *Evolutionary Psychological Science*, 8(4), 391–492. <https://doi.org/10.1007/s40806-022-00337-w>

Del Giudice, M. (2019). Sex differences in attachment styles. *Current Opinion in Psychology*, 25, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.004>

Dugal, C., Brassard, A., Claing, A., Lefebvre, A. A., Audet, A., Paradis-Lavallée, R., Godbout, N., & Péloquin, K. (2021). Attachment insecurities and sexual coercion in same- and cross-gender couples: The mediational role of couple communication patterns. *Journal Of Sex & Marital Therapy*, 47(8), 743–763. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2021.1944937>

- Edwards, K. M., Sylaska, K. M., & Neal, A. M. (2015). Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, 5(2), 112–121. <https://doi.org/10.1037/a0038656>
- Énois Inteligência Jovem, Instituto Vladimir Herzorg & Instituto Patrícia Galvão (2015). *Machismo e violência contra a mulher*. Instituto Patrícia Galvão. Dados e Fontes. Recuperado em 21 de Fevereiro de 2023. <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/meninapodetudo-machismo-e-violencia-contra-a-mulher-enois-inteligencia-joveminstituto-vladimir-herzoginstituto-patricia-galvao-2015/>
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4, 132–154. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>
- Fraley, R. C., & Roisman, G. I. (2019). The development of adult attachment styles: Four lessons. *Current Opinion in Psychology*, 25, 26–30. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2018.02.008>
- Gangestad, S. W., Haselton, M. G., & Buss, D. M. (2006). Evolutionary foundations of cultural variation: Evoked culture and mate preferences. *Psychological Inquiry*, 17(2), 75–95. https://doi.org/10.1207/s15327965pli1702_1
- Garcia-Moreno, C., Jansen, H. A., Ellsberg, M., Heise, L., Watts, C. H., & WHO Multi-country Study on Women's Health and Domestic Violence against Women Study Team (2006). Prevalence of intimate partner violence: Findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Lancet*, 368(9543), 1260–269. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(06\)69523-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(06)69523-8)
- Gaspar, M., Skakoon-Sparling, S., Adam, B. D., Brennan, D. J., Lachowsky, N. J., Cox, J., Moore, D., Hart, T. A., & Grace, D. (2021). “You’re gay, it’s just what

- happens”: Sexual minority men recounting experiences of unwanted sex in the era of Me Too. *Journal of Sex Research*, 58(9), 1205–214. <https://doi.org/10.1080/00224499.2021.1962236>
- Goetz, A. T., & Shackelford, T. K. (2006). Sexual coercion and forced in-pair copulation as sperm competition tactics in humans. *Human Nature*, 17(3), 265–282. [http:// dx. doi. org/10.1007/s12110-006-1009-8](http://dx.doi.org/10.1007/s12110-006-1009-8)
- Goetz, A. T., & Shackelford, T. K. (2009). Sexual coercion in intimate relationships: A comparative analysis of the effects of women’s infidelity and men’s dominance and control. *Archives of Sexual Behavior*, 38(2), 226–234. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9353-x>
- Gottlieb, L. & Schmitt, D.P (2023). When staying home is not safe: An investigation of the role of attachment style on stress and intimate partner violence in the time of COVID-19. *Arch Sex Behavior*, 52(1), 639–654. <https://doi.org/10.1007/s10508-022-02457-7>
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- He, S., Tsang, S. & Li, C. (2013). A revision of the sexual coercion in intimate relationships scale for young adults in China. *Violence and Victim*, 28(3), 483–495. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.11-00124>
- He, S., & Tsang, S. (2014). Male partners' attachment styles as predictors of women's coerced first sexual intercourse in Chinese college students' dating relationships. *Violence and Victims*, 29(5), 771–783. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00116>
- Hernández, E., & Gonzalez-Mendez, R. (2009). Coerción sexual, compromiso y violencia en las relaciones de pareja de los universitarios [Coerção sexual, comprometimento e

- violencia entre parceiros em universitátios]. *Escritos de Psicología*, 2, 40–47.
<https://doi.org/10.24310/espsiescpsi.v2i3.13386>
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). The weirdest people in the world? *Behavioral and Brain Sciences*, 33(2–3), 61–83.
<https://doi.org/10.1017/S0140525X0999152X>
- Holmgreen, L., & Oswald, D. L. (2017). Men’s sexual coerciveness, perceptions of women’s attachment, and dating preferences. *Violence and Victims*, 32(5), 935–952.
<https://doi.org/10.1891/0886-6708.vv-d-12-00133>
- Jeffrey, N. K., & Barata, P. C. (2017). “He didn’t necessarily force himself upon me, but ...”: Women’s lived experiences of sexual coercion in intimate relationships with men. *Violence Against Women*, 23(8), 1–23. <https://doi.org/10.1177/1077801216652507>
- Juodis, M., Starzomski, A., Porter, S., & Woodworth, M. (2014). A comparison of domestic and non-domestic homicides: Further evidence for distinct dynamics and heterogeneity of domestic homicide perpetrators. *Journal of Family Violence*, 29(3), 299–313. <https://doi.org/10.1007/s10896-014-9583-8>
- Kalichman, S. C., Sarwer, D. B., Johnson, J. R., Ali, S. A., Early, J., & Tuten, J. T. (1993). Sexually coercive behavior and love styles. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 6, 93–106. https://doi.org/10.1300/J056v06n01_06
- Karakurt, G., Keiley, M., & Posada, G. (2013). Intimate relationship aggression in college couples: family-of-origin violence, egalitarian attitude, attachment security. *Journal of Family Violence*, 28(6), 561–575. doi:10.1007/s10896-013-9526-9
- Karantzas, G. C., McCabe, M. P., Karantzas, K. M., Pizzirani, B., Campbell, H., & Mullins, E. R. (2015). Attachment style and less severe forms of sexual coercion: A systematic review. *Archives of sexual behavior*, 45(5), 1053–1068.
<https://doi.org/10.1007/s10508-015-0600-7>

- Katafiasz, H. (2020). A systematic conceptualization of intimate partner violence: attachment and differentiation. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 28(3), 1-7. <https://doi.org/10.1177/1066480720929697>
- Katz, J., & Myhr, L. (2008). Perceived conflict patterns and relationship quality associated with verbal sexual coercion by male dating partners. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(6), 798–814. <https://doi.org/10.1177/0886260507313949>
- Krahé, B., Tomaszewska, P., Kuyper, L., & Vanwesenbeeck, I. (2014). Prevalence of sexual aggression among young people in Europe: A review of the evidence from 27 EU Countries. *Aggression and Violent Behavior*, 19, 545–558. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.07.005>
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., Ullman, S., West, C., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 31(4), 357–370. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00385.x>
- Koss, M. P., & Oros, C. J. (1982). Sexual experiences survey: A research instrument investigating sexual aggression and victimization. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50(3), 455–457. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.50.3.455>
- Langton, C. M., Murad, Z., & Humbert, B. (2015). Childhood sexual abuse, attachments in childhood and adulthood, and coercive sexual behaviors in community males: Main effects and a moderating function for attachment. *Sexual Abuse*, 29(3), 207–238. <https://doi.org/10.1177/1079063215583853>
- DeLecce, T., Holub, A. M., & Shackelford, T. K. (2021). Mate retention behavior and ejaculate quality in humans. *Journal Of Interpersonal Violence*, 36(13-14),647–6669. <https://doi.org/10.1177/0886260518821458>

- Wei, M., Russel, D. W., Mallinckrodt B., & Vogel D. L. (2007) The experiences in close relationship scale (ECR)-Short Form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187–204, <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). An attachment perspective on psychopathology. *World Psychiatry : Official Journal Of The World Psychiatric Association (WPA)*, 11(1), 11–15. <https://doi.org/10.1016/j.wpsyc.2012.01.003>
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: Versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484-494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>
- Norenzayan, A., & Heine, S. J. (2005). Psychological universals: What are they and how can we know? *Psychological Bulletin*, 131(5), 763–784. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.5.763>
- O’Leary, K. D., Slep, A. M. S., Avery-Leaf, S., & Cascardi, M. (2008). Gender differences in dating aggression among multiethnic high school students. *Journal of Adolescent Health*, 42, 473–479. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.09.012>
- Ross, J. M., Drouin, M., & Coupe, A. (2016). Sexting coercion as a component of intimate partner polyvictimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(11), 2269–2291. <https://doi.org/10.1177/0886260516660300>
- Salvatore, J.E., Kuo, S.I., Steele, R.D., Simpson, J.A., Collins WA. (2011). Recovering from conflict in romantic relationships: A developmental perspective. *Psychological Science*, 22(3), 376–383. <https://doi.org/10.1177/0956797610397055>
- Sandberg, D. A., Valdez, C. E., Engle, J. L., & Menghrajani, E. (2019). Attachment anxiety as a risk factor for subsequent intimate partner violence victimization: A 6-month

- prospective study among college women. *Journal of interpersonal violence*, 34(7), 1410–1427. <https://doi.org/10.1177/0886260516651314>
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 974–986. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9481-y>
- Shackelford, T. K., & Goetz, A. T. (2004). Men's sexual coercion in intimate relationships: development and initial validation of the sexual coercion in intimate relationships scale. *Violence and Victims*, 19(5), 541–556. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.5.541.63681>
- Schmitt, D., Alcalay, L., Allensworth, M., Allik, J., Ault, L., Austers, I., Bennett, K. L., Bianchi, G., Boholst, F., Cunen, M. A. B., Braeckman, J., Brainerd, E. G., Caral, L. G. A., Caron, G., Casullo, M. M., Cunningham, M., Daibo, I., De Backer, C., De Souza, E., ... Zupan, A. (2004). Patterns and universals of adult romantic attachment across 62 cultural regions: are models of self and of other pancultural constructs? *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 35(4), 367–402. <https://doi.org/10.1177/0022022104266105>
- Simpson, J. A., & Overall, N. C. (2014). Partner buffering of attachment insecurity. *Current Directions In Psychological Science*, 23(1), 54–59. <https://doi.org/10.1177/0963721413510933>
- Smallbone, S. W., & Dadds, M. R. (2000). Attachment and coercive sexual behavior. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*, 12(1), 3–15. <https://doi.org/10.1177/107906320001200102>
- Sommer, J., Babcock, J. & Sharp, C. (2017). A dyadic analysis of partner violence and adult attachment. *Journal of Family Violence*. 32(1), 279–290. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9868-1>

- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, *17*(3), 283–316. <https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *Journal of Sex Research*, *40*, 76–86. <https://doi.org/10.1080/00224490309552168>
- Tarzia, L. (2020). Toward an ecological understanding of intimate partner sexual violence. *Journal of Interpersonal Violence*, *36*(23-24). <https://doi.org/10.1177/0886260519900298>
- Tharp, A. T., DeGue, S., Valle, L. A., Brookmeyer, K. A., Massetti, G. M., & Matjasko, J. L. (2013). A systematic qualitative review of risk and protective factors for sexual violence perpetration. *Trauma, violence & abuse*, *14*(2), 133–167. <https://doi.org/10.1177/1524838012470031>
- Thomas, L. A., & Gorzalka, B. B. (2013). Effect of sexual coercion proclivity and cognitive priming on sexual aggression in the laboratory. *Journal of Sex Research*, *50*(2), 190–203. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.627517>
- Thompson, R. A., Simpson, J. A., & Berlin, L. J. (2022). Taking perspective on attachment theory and research: Nine fundamental questions. *Attachment & Human Development*, *24*(5), 543–560. <https://doi.org/10.1080/14616734.2022.2030132>
- US Census Bureau (2021). *Racial and ethnic diversity in the United States: 2010 census and 2020 census*. Census Gov. Recuperado em 21 de Fevereiro de 2023. <https://www.census.gov/library/visualizations/interactive/racial-and-ethnic-diversity-in-the-united-states-2010-and-2020-census.html>

- Vance, G., Zeigler-Hill, V., James, R. M. & Shackelford, T. (2021). Erectile dysfunction and partner-directed behaviors in romantic relationships: The mediating role of suspicious jealousy. *The Journal of Sex Research*, 59(4), 472-483. <https://doi.org/10.1080/00224499.2021.1956412>
- Velotti, P., Beomonte Zobel, S., Rogier, G., & Tambelli, R. (2018). Exploring relationships: A systematic review on intimate partner violence and attachment. *Frontiers in psychology*, 9, Article e01166. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01166>
- Walters, K., Christakis, D. A., & Wright, D. R. (2018). Are Mechanical Turk worker samples representative of health status and health behaviors in the U.S?. *PloS one*, 13(6), e0198835. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0198835>
- Webb, M. A. & Tangney, J. P. (2022). Too good to be true: Bots and bad data from Mechanical Turk. *Association for Psychological Science*, <https://doi.org/10.1177/17456916221120027>
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187–204. <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>
- Widman, L., Olson, M. A. & Bolen, R. M. (2013). Self-reported sexual assault in convicted sex offenders and community men. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(7), 1519-1536. <https://doi.org/10.1177/0886260512468237>
- World Health Organization. (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence*. World Health Organization. Recuperado em 21 de Fevereiro de 2023. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/44350>

World Health Organization & Pan American Health Organization. (2012). *Understanding and addressing violence against women: Intimate partner violence*. World Health Organization. Recuperado em 21 de Fevereiro de 2023. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/77432>

Capítulo 2 - Satisfação Amorosa e Apego adulto como Preditores da Coerção Sexual em Mulheres e Homens

André Luis Moura de Oliveira Almeida

Mauro Silva Júnior

Manuscrito em fase de elaboração a ser submetido à revista qualificada na área da Psicologia.

Resumo

A coerção sexual (CS) é o conjunto de estratégias sutis utilizadas para contornar o não consentimento de um indivíduo para o ato sexual, aumentando os benefícios reprodutivos para o perpetrador e diminuindo os riscos de evasão do relacionamento da vítima (mas ainda causando danos). Sua relação com o apego inseguro adulto (ansiedade e evitação) já foi apontada na literatura prévia, porém a relação com a satisfação foi parcamente estudada. O presente trabalho teve como objetivo testar o poder preditivo da satisfação e do apego adulto sobre a ocorrência de CS em díades e indivíduos heterossexuais. Os resultados apontam que a satisfação é um forte preditor para a coerção sexual, tanto na vitimização quanto na perpetração, em homens e mulheres, díades e indivíduos. A satisfação se mostrou um preditor mais importante para entender a Coerção sexual comparado ao apego adulto.

Palavras-chave: Psicologia Evolucionista; Apego adulto; Satisfação no Relacionamento

Díade;

Abstract

Sexual coercion (SC) is the set of subtle strategies used to circumvent an individual's non-consent to the sexual act, increasing the reproductive benefits for the perpetrator and decreasing the risks of relational avoidance for the victim (but still causing harm). Its relationship with adult insecure attachment (anxious and avoidance) has already been pointed out in the previous literature, but the relationship with satisfaction has been scarcely studied. The present study

aimed to test the predictive power of satisfaction and adult attachment on the occurrence of SC in heterosexual dyads and individuals. The results indicate that satisfaction is a strong predictor of sexual coercion, both in victimization and in perpetration, in men and women, dyads and individuals. Satisfaction proved to be a more important predictor to understand sexual coercion compared to adult attachment.

Keywords: Evolutionary Psychology; Adult attachment; Relationship Satisfaction; Dyads

Introdução

A coerção sexual diz respeito ao conjunto de subterfúgios, como manipulação psicológica e emocional, que o autor utiliza para forçar a vítima ao engajamento de um comportamento sexual não consensual (Shackelford & Goetz, 2004; Goetz & Shackelford, 2006). É um problema social, de âmbito global, importante e que vitimiza, frequentemente, mais mulheres do que homens – que por sua vez, perpetuam a coerção com maior frequência (Smith et al., 2018; Karantzas et al., 2015; Krahé et al., 2014; Brousseau et al., 2011; Shackelford & Goetz, 2004). A recorrência desse problema é alta, com uma vitimização de uma a cada seis mulheres nos EUA (Smith et al., 2018) e em cerca de 47% das mulheres no contexto brasileiro (énois inteligência jovem et al., 2015). Apesar das maiores vítimas serem as mulheres (Brousseau et al., 2011), é apontado na literatura a vitimização masculina de CS (Struckman-Johnson et al., 2003). Porém acredita-se que a baixa sinalização por parte dos homens pode ser explicada pela subnotificação ou pela não percepção da coerção praticada por uma mulher como uma forma de violência (Lopes et al., 2021; Brousseau et al., 2011; Oswald & Russell, 2010).

A perspectiva evolucionista estuda o fenômeno da coerção sexual como parte de uma série de comportamentos chamados “forced in-pair copulation” (Goetz & Shackelford, 2006) e, sob essa ótica, a prática por parte dos homens estaria associada às táticas anti-infidelidade. Porém, por ser um comportamento que envolve táticas mais “brandas” de coerção, seus custos seriam atenuados - comparados àqueles relacionados à força física - mas mantendo os benefícios evolutivos para o agressor, tais como as vantagens na competição de esperma, certeza da paternidade (Goetz & Shackelford, 2006; Goetz et al., 2008; Vance et al., 2021) e diminuição as chances de evasão da parceira (Lopes et al., 2018; Goetz et al., 2008). Porém, ser vítima de coerção sexual pode levar à impactos negativos na saúde física, psicológica e sexual (Jeffrey & Barata, 2017; De Visser et al., 2007).

São diversos os fatores que podem influenciar e prever o aumento do risco para a coerção sexual entre parceiros íntimos, incluindo a própria diferença de comportamento sexual inerentes aos diferentes sexos na espécie humana (Goetz & Shackelford, 2006). Para a vitimização, histórico anterior de exposição à comportamentos sexualmente coercitivos, abuso sexual anterior, tendência a comportamentos de risco, homossexualidade alta e histórico de comportamentos de suicídio (Schatzel-Murphy et al., 2009; Hines, 2007; Tharp DeGue et al., 2012). Enquanto os fatores relacionados à perpetração são fantasias sexuais coercitivas, hostilidade direcionada ao outro gênero, alta homossexualidade, percepção de vulnerabilidade da vítima, endosso dos pares masculinos, vitimização de maus-tratos na infância e compulsão sexual (Hines, 2007; Schatzel-Murphy et al., 2009; Tharp DeGue et al., 2012; Holmgren & Oswald, 2017;).

A satisfação no relacionamento (e.g.: Jeffrey & Barata, 2017; Karantzas et al. 2015; Oswald & Russel, 2010; Katz & Myhr, 2008) e o apego (e.g.: Karantzas et al. 2015; He & Tsang, 2017; Barbaro et al., 2018; Dugal et al., 2021) também são apontados como importantes fatores relacionados à vitimização e perpetração da coerção sexual.

Apego

O apego pode ser caracterizado como um sistema de monitoramento, presente em humanos e outras diversas espécies de primatas, especializado em avaliar e motivar a proximidade afetiva das figuras consideradas importantes por nutrir e proteger (Schmitt et al., 2004). Em adultos da espécie humana, além de contribuir para a sobrevivência através da ligação afetiva entre cuidador e a prole, aumentar a certeza da paternidade, também monitora o nível de segurança e afeto nas relações romântica dos pares (Hazan & Shaver, 1987). O apego adulto, segundo Hazan e Shaver, seria um mecanismo interno de funcionamento cooptado do apego infantil e que se estende ao longo do desenvolvimento humano.

Esse sistema pode ser mensurado por dimensões independentes, o apego ansioso e apego evitativo. Ambos são vistos como dimensões de apego inseguro e se diferenciam do apego seguro, que, por sua vez, se caracteriza uma menor ameaças em seu relacionamento, baixo ou nenhum desconforto com proximidade, desenvolvimento de estratégias mais construtivas de enfrentamento de possíveis estresses e associado a maiores níveis de satisfação no relacionamento (Mikulincer & Shaver, 2012; 2019).

O apego ansioso, que está relacionado a uma hiperativação às pistas de rejeição, diz respeito a preocupação em relação a disponibilidade e a responsividade do parceiro, motivando estratégias de hiperativação como a busca constante por contato física, emocional ou outras pistas que sinalizem proximidade – como o sexo. O apego evitativo, relacionado a uma hipoativação em relação às pistas de rejeição, trata da desconfiança das boas intenções da parceria e desconforto em relação a proximidade física e emocional dela, motivando táticas de hipoativação comportamental como a relutância em relação a proximidade emocional, punição de demonstrações de vulnerabilidade e distanciamento físico (Fraley & Shaver, 2000; Mikulincer & Shaver, 2012).

Essas dimensões são capturadas por escalas de autorrelato (eg: Natividade & Shiramisu, 2015), onde maiores pontos na dimensão de ansiedade sinalizam apego ansioso e maiores pontos na dimensão de evitação apontam para o apego evitativo. Baixos scores em ambos sinalizam o apego seguro, ou seja, indivíduos que carregam boas representações relacionais a respeito de si e de seus parceiros (Fraley & Shaver, 2000).

Diversos estudos apontam para a associação entre perpetração e vitimização da coerção sexual com o apego inseguro (e.g.: Gottlieb & Schmitt, 2023; Karakurt et al., 2019), porém há associações mais frequentes no que tange à perpetração e o apego ansioso (Barbaro et al., 2018; Sommer et al., 2017; He & Tsang, 2014; Brassard et al., 2007), quando comparado à associação entre perpetração e o apego evitativo (Gottlieb & Schmitt, 2023; Langton et al., 2015). A associação da perpetração e coerção sexual também é mais frequente em homens. Para a vitimização da coerção sexual, a dimensão de evitação tem associação mais frequente nos estudos (Dugal et al., 2021; Getzer & Kerns, 2004; Impett & Peplau, 2002), comparado àqueles que apontam associação entre vitimização e a dimensão de ansiedade (Getzer & Kerns, 2004; Impett & Peplau, 2002;).

A maior tendência a busca por proximidade de indivíduos de apego ansioso poderia estar associada a maiores níveis de coerção sexual no relacionamento, principalmente porque o sexo pode ser uma pista eficaz de vinculação afetiva e de reafirmação de interesse por parte do parceiro (Barbaro et al., 2018; Karantzas et al., 2015). Enquanto para indivíduos de apego evitativo, a perpetração da coerção sexual poderia estar associada ao maior controle da relação e asserção da dominância, enquanto a vitimização poderia estar associada a táticas de evitação de conflitos ou perspectiva de perda de controle da relação (Karantzas et al., 2015). Dessa forma, o apego se torna um importante previsor da coerção sexual em relacionamentos.

Satisfação no relacionamento

Segundo a perspectiva evolucionista, a satisfação no relacionamento pode ser entendida como um estado psicológico, motivado por um mecanismo selecionado, que tem por objetivo avaliar os *trade-offs* da relação (Rabello et al., 2014; Shackelford & Buss, 2000). Ou seja, é o estado psicológico derivado do cálculo de custos e benefícios do relacionamento. Como um produto da seleção evolutiva humana, as variáveis a serem monitoradas continuam sendo as mesmas que geraram custos e benefícios do ambiente de adaptação evolutiva.

À nível proximal, a satisfação no relacionamento diz respeito à avaliação da qualidade do relacionamento conforme às expectativas e desejos do avaliador. Desta forma, estar satisfeito em um relacionamento diz respeito à uma avaliação da qualidade desse (Andrade et al., 2009). São diversos os fatores que influenciam a satisfação, tais como o respeito, valorização, atratividade física, comportamento sexual, busca por proximidade e intimidade (Andrade et al., 2009).

A relação do comportamento sexual com a satisfação é apontada em alguns estudos, como o de Zhao et al. (2006), que aponta para o comportamento sexual satisfatório como um preditor importante de satisfação global no relacionamento (que por sua vez, contribui para o comportamento sexual). Além disso, o comportamento sexual é apontado como importante influenciador na satisfação marital por Ziaee et al. (2014). Sendo assim, as táticas anti-infidelidade (como a cópula forçada e a coerção sexual) e seus impactos na parceria podem ser importantes influenciadores nos níveis de satisfação do relacionamento (Shackelford & Buss, 2000).

Há divergências no que tange aos resultados dos estudos que associam satisfação no relacionamento e coerção sexual. Lopes et al. (2021), por exemplo, não encontraram relação direta entre coerção sexual e satisfação no relacionamento em amostras brasileiras e americanas. Porém, apesar da utilização de uma escala validada para capturar índices de coerção sexual nos relacionamentos (Shackelford & Goetz, 2004), seu estudo não foi realizado

com uma escala de satisfação validada. Indo na contramão desse resultado, Katz & Myhr (2008) e Shackelford & Goetz (2004) utilizaram escalas validadas para captura de coerção sexual e de satisfação do relacionamento, chegando a associações significativas entre os dois constructos.

Tais divergências também podem estar associadas a forma tênue na qual a coerção sexual acontece, como, por exemplo, a pressão para a realização do comportamento sexual por um dos parceiros estar associada a uma percepção, por parte da vítima, de interesse e investimento no relacionamento em algumas culturas (Lopes et al., 2021). Além disso, estudos apontam altos índices de aceitação de coerção sexual em casais com histórico de sexo consentido (Katz & Myhr, 2008). Sendo a satisfação no relacionamento um importante preditor de saúde psicológica e física (Vollman et al., 2019), a influência da coerção sexual na percepção de satisfação pode ser deletéria em diversos níveis.

A satisfação sexual também está associada, negativamente, ao apego inseguro em ambas as dimensões, sendo que maiores níveis de apego evitativo se relacionam com maior força de efeito à menores índices de satisfação no relacionamento (Vollman et al., 2019; Li & Chan, 2012). Tal efeito se explica pelas táticas de hipoativação relacionadas ao apego evitativo e o distanciamento do relacionamento imposto (Vollman et al., 2019). Para indivíduos com alto nível na dimensão de apego ansioso, por mais que a insegurança seja uma questão que diminua a satisfação, pode-se ter experiências mais satisfatórias quando comparado à altos níveis de apego evitativo (Li & Chan, 2019).

Em culturas nas quais o estilo de apego evitativo é mais prevalente que o estilo seguro, os indivíduos relatam menor satisfação nos relacionamentos (Friedman et al., 2010). Uma recente revisão sistemática sobre a relação entre apego adulto e satisfação no relacionamento demonstrou que a associação entre satisfação e apego seguro tende a ser positiva ou entre satisfação e apego inseguro tende a ser negativa em diversas culturas (Martins et al., submtido).

Esse conjunto de achados sugere que a forma como os indivíduos estabelecem apego adulto com seus parceiros amorosos pode ser um importante fator que influencia a dinâmica dos relacionamentos amorosos.

O presente estudo

No presente estudo visou-se investigar o efeito preditivo da satisfação no relacionamento e do apego inseguro (evitativo e ansioso) sobre a coerção sexual sofrida e praticada no relacionamento. Com esse objetivo, foi realizado coletas com duas amostras distintas: o Estudo 1 contou com amostra de casais heterossexuais com, no mínimo, 1 ano de relacionamento e que responderam os questionários de forma simultânea – formando díades. Enquanto o Estudo 2 contou com amostra de indivíduos heterossexuais que também relataram estar em um relacionamento de pelo menos um ano.

Optou-se por esse método para verificar os efeitos individuais e de díade, pois são apontados como diferentes na literatura (Dugal et al., 2021). Este é o primeiro estudo a verificar os impactos de predição das duas variáveis simultaneamente na coerção sexual em um contexto brasileiro, utilizando escalas validadas de satisfação, apego e coerção sexual. Lopes et al. (2021) estudou o impacto da coerção sexual na satisfação, porém não fora utilizado uma escala validada de satisfação. Além disso, o presente trabalho buscou abarcar também a possibilidade de pessoas do sexo feminino cometerem a coerção sexual, o que é pouco investigado na literatura.

Estudo 1

Hipóteses e predições

Hipótese 1: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a vitimização da coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Predição 1.1: O apego evitativo autorrelatado terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Predição 1.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Hipótese 2: As características de apego inseguro e satisfação do parceiro estão associadas a vitimização de coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Predição 2.1: O apego ansioso do parceiro terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Predição 2.2: A satisfação do parceiro terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Hipótese 3: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Predição 3.1: O apego ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Predição 3.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Hipótese 4: As características de apego inseguro e satisfação do parceiro estão associadas a perpetração da coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Predição 4.1: O apego ansioso ou evitativo do parceiro terá maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Predição 4.2: A satisfação do parceiro terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Hipótese 5: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a vitimização da coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Predição 5.1: O apego evitativo ou ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Predição 5.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Hipótese 6: As características de apego inseguro e satisfação da parceira estão associadas a vitimização de coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Predição 6.1: O apego ansioso da parceira terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Predição 6.2: A satisfação da parceira terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Hipótese 7: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Predição 7.1: O apego ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Predição 7.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Hipótese 8: As características de apego inseguro e satisfação da parceira estão associadas a perpetração da coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Predição 8.1: O apego evitativo da parceira terá maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Predição 8.2: A satisfação da parceira terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 55 casais heterossexuais (55 homens e 55 mulheres, relacionando-se em pares) com, no mínimo, um ano de relacionamento. Suas variáveis socioeconômicas estão descritas na Tabela 1.

Tabela 1

Participantes	Tempo de relação (meses)			Idade			Renda familiar			Grau de escolaridade	
	N	M	DP	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	Intervalo
Mulheres	55			25,62	8,11	18 – 54	2.721,35	3.770,72	1.100– 15.000	Ensino superior incompleto	Ensino médio incompleto – Pós-graduação completa
		77	122,73								
Homens	55			28,11	10,20	18 – 62	5.385,15	16.175	1.100– 40.000	Ensino superior incompleto	Ensino médio incompleto – Pós-graduação completa

Características socioeconômicas dos casais participantes.

Nota. N = Número de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão.

Instrumentos

Questionário Socioeconômico (Apêndice B)

O questionário socioeconômico foi desenvolvido contendo questões a respeito da idade do participante, sexo, escolaridade, renda individual e familiar, orientação sexual e tempo de relacionamento (Apêndice Y).

Escala do Amor (Apêndice C)

A Escala Amor, que afere o vínculo emocional no questionário Marriage and Relationships (Russel & Wells, 2000), foi adaptada para o Brasil – MARQ (França et al. 2016). Composta por nove itens, a escala amor apresenta tais itens em formato de perguntas em que a resposta poderia ser dada por uma entre cinco opções dispostas em escala Likert, onde 1 seria “nem um pouco” e 5 correspondesse a “muito”. Como exemplo de itens podemos citar: “Você

gosta da companhia de seu (sua) parceiro (a)??”. O alfa de Cronbach da escala no Estudo 1 foi de 0,804.

Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos – ECSRA (Apêndice F e G)

A Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos (ECSRA) consiste em uma versão baseada na escala Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale - SCIRS e adaptada para o contexto brasileiro por Lopes e colaboradores (2018). A ECSRA é composta por 9 itens, onde ambos os do casal respondem sobre a prática de comportamentos sexualmente coercitivos em contra seus parceiros no último mês. A ocorrência do comportamento foi disposta na forma de escala do tipo Likert de 6 pontos, onde 0 seria “esse comportamento não ocorreu no último mês”, e 5 seria “esse comportamento ocorreu 11 ou mais vezes no último mês.

Um exemplo de item, numa versão respondida pelo membro do sexo masculino seria “Eu dei presentes ou outros benefícios (p.ex. dinheiro, carona) à minha parceira para que ela se sentisse obrigada a ter relações comigo”. Uma adaptação realizada na escala foi a de que foi inserida a pergunta ao membro do casal tanto no papel de agressor, como exemplificado anteriormente, como também de vítima, apresentando então as duas perspectivas das situações. Portanto, em um item respondido pelo membro do sexo masculino por exemplo, temos também “Minha parceira me deu presentes ou outros benefícios (ex.: dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigado a ter relações com ela”. O alfa de Cronbach da escala no Estudo 1 foi de 0,757 para Coerção sofrida e 0,601 para Coerção praticada.

Escala Experience in Close Relationship – Reduzida - ECR-R-Brasil (Apêndice D e E)

A escala utilizada no presente estudo é uma versão, traduzida e adaptada para o Brasil por Natividade & Shiramizu, (2015), do instrumento proposto por Wei et al. (2007). A escala é composta por 10 itens (5 para cada dimensão do apego), que são constituídos por frases afirmativas em que o participante irá responder o quanto concorda com a afirmação. As

respostas são dispostas em uma escala do tipo Likert de 7 pontos, nos quais maiores valores indicam maiores níveis de “ansiedade” e “evitação” com relação ao apego. Para os itens de ansiedade, o alfa de Cronbach foi de 0,607 e para os itens de evitação o alfa de Cronbach foi de 0,672.

Procedimento

O convite para o estudo foi realizado por meio de divulgações em redes sociais. Caso interessado em participar, o casal era redirecionado para um formulário eletrônico onde deveria fornecer seu nome e telefone para contato. Após o interesse e preenchimento do formulário, os pesquisadores responsáveis entravam em contato com os participantes para agendar um horário em que o casal pudesse preencher os instrumentos de coleta de dados de forma simultânea, evitando a interferência, e garantindo a independência, nas respostas de cada membro do casal. Foram utilizados casais com, no mínimo, um ano de relacionamento como uma tentativa de controlar o efeito lua de mel, que aponta para maiores níveis de satisfação do relacionamento em casais de envolvimento recente (Lorber et al., 2014). Devido ao cenário mundial da pandemia pelo COVID-19, foi adotada a participação de forma online, durante os meses de março de 2021 a novembro de 2022.

O momento para preenchimento dos questionários era monitorado através de uma plataforma de vídeo-chamada acessada pelo casal, separada e/ou simultaneamente, e por um dos pesquisadores. Antes do início do preenchimento do questionário, os pesquisadores ratificavam os termos descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), principalmente com relação a anonimização dos dados durante a realização da tabulação e análises estatísticas. Caso não se sentisse à vontade com qualquer pergunta, o participante foi informado de que poderia interromper a participação sem qualquer prejuízo. Após o consentimento do TCLE, o casal e o pesquisador permaneciam conectados na chamada de vídeo até o final do preenchimento dos instrumentos.

Para a coleta de dados, a pesquisa contou com a colaboração de alunos de graduação do grupo de pesquisa do laboratório de Psicologia Evolucionista, da Universidade de Brasília. Foram empreendidos muitos esforços no que tange à divulgação em redes sociais e em grupos LGBTQIA+ para aumentar a variabilidade sexual na amostra, porém, infelizmente não foi obtida uma quantidade significativa de casais homossexuais para as análises estatísticas. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília sob o parecer CAAE 15591319.1.0000.5540.

Análise de dados Estudo 1

Os dados foram exportados e tabulados para análise utilizando o programa estatístico IBM SPSS versão 28.0 para Windows. Identificou-se um viés relativamente baixo de autorrelato de vitimização e perpetração de coerção sexual (CS) por mulheres (20% e 10%, respectivamente) e por homens (12% e 21%, respectivamente). Dessa forma, as medidas de CS foram transformadas em logaritmo e as análises inferenciais foram realizadas nessa versão. Realizou-se análises correlacionais de Spearman entre as principais variáveis do estudo para verificar possíveis relações e associações.

De acordo com o objetivo do estudo foram realizadas regressões hierárquicas com o método *Enter*. Quatro regressões hierárquicas foram feitas para prever o nível vitimização e perpetração de coerção em participantes do sexo feminino, utilizando como preditores as variáveis das próprias participantes e dos seus parceiros (ansiedade, evitação e satisfação). Prosseguiu-se da mesma forma para participantes do sexo masculino. Ao total, foram realizadas oito regressões. A ordem de entrada nos diferentes modelos permaneceu a mesma para todas as regressões descritas acima. No primeiro modelo foi inserida a ansiedade, no segundo modelo, a ansiedade e a evitação, e no terceiro, ansiedade, evitação e satisfação.

Participantes do sexo feminino

Na primeira análise para vitimização de CS em mulheres as variáveis utilizadas foram aquelas relatadas pelas próprias participantes, evitação, ansiedade e a satisfação no relacionamento. Essa decisão foi baseada em estudos anteriores que associavam a vitimização de CS ao apego inseguro autorrelatado (Dugal et al., 2021; Karakurt et al., 2019; Brassard et al., 2007; Getzler & Kearns, 2004) e o impacto da CS na satisfação autorrelatada pela vítima (Panuzio & Dilillo, 2010; Katz & Myhr, 2008; Shackelford & Goetz, 2004). Na segunda análise para vitimização de CS em mulheres, as variáveis utilizadas foram aquelas relatadas pelos parceiros das mulheres, ansiedade, evitação e a satisfação. Essa decisão também foi baseada em estudos anteriores que apontavam para a associação entre o apego inseguro do parceiro e a vitimização de CS da parceira (Gottlieb & Schmitt, 2023; Barbaro et al., 2018; He & Tsang, 2014) e para associação negativa entre níveis de satisfação do parceiro e possível vitimização de CS pela parceira (Oswald & Russel, 2010). Para perpetração por mulheres, a primeira análise utilizou variáveis relatadas pelas próprias participantes, ansiedade (Gottlieb & Schmitt, 2023; Barbaro et al., 2018), evitação (Gottlieb & Schmitt, 2023) e satisfação (Panuzio & Dilillo, 2010). Para a segunda análise de perpetração de CS por mulheres, utilizou-se o apego ansioso e evitativo do parceiro (Dugal et al., 2021; Sommer et al., 2017), além da satisfação do parceiro (Panuzio & Dilillo, 2010).

Participantes do sexo masculino

Para a vitimização de CS dos participantes masculinos, utilizou-se, na primeira análise, as variáveis apego ansioso dele, apego evitativo dele e satisfação dele. Há estudos que apontam para a associação entre vitimização de coerção sexual e apego evitativo em homens (Dugal et al., 2021; Gentzler & Kerns, 2004) e associações entre índices de satisfação de perpetração da parceira e menores índices de autorrelato de satisfação do relacionamento (Panuzio & Dilillo, 2010). Na segunda análise de vitimização de CS masculina, utilizou-se as variáveis apego ansioso da parceira, apego evitativo da parceira e satisfação da parceira. Estudos apontam para

a associação entre apego ansioso e perpetração por mulheres (Barbaro et al., 2018; Gottlieb & Schmitt, 2023), bem como para a associação entre apego evitativo e a perpetração por mulheres (Gottlieb & Schmitt, 2023).

Para a perpetração de CS por homens, os preditores da primeira análise foram o apego ansioso dele, apego evitativo dele e satisfação dele. Essa escolha se deu pelo escopo de estudos que sustentam a associação entre apego ansioso do sujeito e própria perpetração da CS (Gottlieb & Schmitt, 2023; Dugal et al., 2021; Barbaro et al., 2018; Sommer et al., 2017; He & Tsang, 2014), pelos estudos que sustentam a associação entre apego evitativo do sujeito e a própria CS (Gottlieb & Schmitt, 2023; Langton et al. 2015) e a associação negativa entre a satisfação e a CS do perpetrador (Panuzio & Dilillo, 2010; Oswald & Russel, 2010).

Na segunda análise perpetração de CS por participantes do sexo masculino, os preditores foram o apego ansioso da parceira, o apego evitativo da parceira e a satisfação da parceira. Há evidências da associação entre o apego ansioso da vítima e perpetração da coerção sexual pelo parceiro (Sommer et al., 2017), evidências da associação entre apego evitativo da vítima e maior vitimização de coerção sexual (Dugal et al., 2021; Brassard et al., 2007). e o impacto da perpetração da CS na satisfação da parceira (Katz & Myhr, 2008; Shackelford & Goetz, 2004).

Resultados Estudo 1

Foram realizadas correlações de Spearman para as principais variáveis do estudo (Tabela 2). O motivador foi a compreensão das possíveis interações e associações entre elas. A perpetração apresentou uma relação significativa com a vitimização, indicando a sobreposição entre coerção praticada e sofrida pelas participantes do sexo feminino (Schatzel-Murphy, 2009). Além disso, houve associações negativas entre as idades dos participantes e a satisfação no relacionamento, corroborando com os achados de Lee & Shehan (1989). As médias, desvios padrão e intervalos dos escores brutos das variáveis utilizadas estão presentes

na Tabela 3. Também foi conduzido um teste t de Student comparando as diferenças entre os sexos no que tange a prática de coerção sexual. A frequência da prática de coerção sexual de participantes do sexo masculino ($M = 1,45$, $DP = 0,32$) foi maior que a frequência de prática de coerção sexual dos participantes do sexo feminino ($M = 0,14$, $EP = 0,06$), $t(54) = -2,355$, $p = 0,05$, g de Hedges = 0,46. Realizou-se uma série de regressões lineares hierárquicas com o objetivo de testar o poder explicativo da satisfação e do apego na perpetração e vitimização da CS, tanto em mulheres quanto em homens.

Tabela 2*Correlações entre as variáveis relevantes para o Estudo 1.*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1. Perpetração <small>feminina</small>														
2. Vitimização <small>feminina</small>	,289*													
3. Perpetração <small>masculina</small>	-,068	,553**												
4. Vitimização <small>masculina</small>	-,133	-,003	,381*											
5. Ansiedade <small>feminina</small>	,162	,221	,259	,132										
6. Ansiedade <small>masculina</small>	,102	,314*	,508**	,149	,226									
7. Evitação <small>feminina</small>	,124	,301*	,226	-,037	-	,145								
8. Evitação <small>masculina</small>	-,027	-,062	,021	-,062	-	,047	,062							
9. Satisfação <small>feminina</small>	-,050	-,294*	-	-	-	-	-	,023						
10. Satisfação <small>masculina</small>	-,080	-,159	-,209	-,160	-	-,020	,024	-,112	,346**					
11. Idade <small>feminina</small>	,104	,212	,278*	,074	,079	,165	,115	,226	-,293*	-				
12. Idade <small>masculina</small>	,138	,204	,351**	,156	,096	,153	,211	,163	-,302*	-,472**				
13. Escolaridade <small>feminina</small>	,106	,139	,020	,056	,038	,019	-,042	,063	-,015	-,248	,735**	0,605**		
14. Escolaridade <small>masculina</small>	,059	,128	,135	,194	,113	,065	,144	,185	-,199	-	,505**	0,599**	0,346**	
15. Tempo de relacionamento	,052	,064	,186	,155	,140	,027	,156	-	-	-,321*	,550**	0,492**	0,284*	0,180

*Nota. * $p < ,05$. ** $p < ,001$.*

Tabela 3*Escores brutos das variáveis relevantes para o Estudo 1.*

Participantes	Ansiedade			Evitação			Satisfação			Coerção praticada			Coerção sofrida			
	N	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo
Mulheres	55	3,65	0,14	1,6–6	3,16	,06	2,2–4,6	4,76	,04	3,89–5	,145	,06	0–3	1,05	,42	0–15
Homens	55	3,09	,17	1–6,6	2,93	,07	1,6–4,2	4,74	,04	3,67–5	,94	,32	0–12	,47	,20	0–8

Nota. N = Número de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

Participantes do sexo feminino

No que diz respeito às mulheres, a regressão que buscou prever a sua vitimização, utilizando como previsores as variáveis das próprias participantes está descrita na Tabela 4. No modelo 1, a ansiedade não se mostrou significativa. No modelo 2, a ansiedade permaneceu não significativa, enquanto a evitação foi significativa. No modelo 3, quando inserido a variável “satisfação”, a ansiedade e a evitação não foram significativas e a satisfação também não foi significativa.

Na segunda regressão que investigou a vitimização das mulheres, utilizando como previsores as variáveis dos seus parceiros está descrita na Tabela 5. No modelo 1, a ansiedade do parceiro se mostrou significativamente associada à vitimização de coerção sexual autorrelatada pela parceira. No segundo modelo, a evitação do parceiro foi inserida, mas não foi significativa, enquanto a ansiedade manteve-se significativa. A inserção da satisfação no

terceiro modelo não se mostrou significativa, assim como a evitação. A ansiedade permaneceu significativa.

Tabela 4

Resultados da regressão hierárquica para vitimização em mulheres utilizando os preditores femininos.

Variáveis	B	95% IC B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,004	.00
Constante	-,50	-3,4	2,45	1,47			
Ansiedade	,42	-,34	1,20	,38	,15		
Modelo 2						,155	,119*
Constante	-8,18*	-14,2	-2,11	3,02			
Ansiedade	,495	-,236	1,12	,364	,174		
Evitação	2,35*	,700	4,00	,822	,365*		
Modelo 3						,195	,76
Constante	5,469	-12,8	23,8	9,162			
Ansiedade	,335	-,43	1,08	,373	,118		
Evitação	1,71	-,109	3,53	,906	,266		
Satisfação	-2,32	-5,27	,65	1,47	-,277		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Tabela 5

Resultados da regressão hierárquica para vitimização em mulheres utilizando os preditores masculinos.

Variáveis	B	95% IC B		DP B	95% IC B	R ²	ΔR ²
		LI	LS				
Modelo 1						,09	,00*
Constante	-1,51	-3,63	,609	1,05			
Ansiedade parceiro	,830*	,196	1,46	,316	,339*		
Modelo 2						,08	,01
Constante	-2,69	-7,41	2,02	2,351	-		
Ansiedade parceiro	,823*	,184	1,46	,318	,337*		
Evitação parceiro	,409	-1,04	1,86	,727	,073		
Modelo 3						,08	,00*
Constante	3,91	-10,01	,609	6,93			
Ansiedade parceiro	,818*	,180	1,46	,318	,335*		
Evitação parceiro	,346	-1,118	1,8	,729	,062		
Satisfação parceiro	-1,35	-4,02	1,32	1,33	-,132		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

As análises que buscaram prever a perpetração feminina a partir das variáveis das próprias participantes, e a perpetração feminina a partir das variáveis do parceiro, não houve associações significativa entre nenhuma das variáveis, em nenhuma das etapas da regressão (Tabela 6 e 7)

Tabela 6

Resultados da regressão hierárquica para perpetração por mulheres utilizando os preditores femininos.

Variáveis	B	95% CI B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,008	,00
Constant	,005	-,455	,465	,229	-		
Ansiedade	,038	-,082	,159	,060	0,88		
Modelo 2						0,01	0,07
Constante	-,137	-1,15	,875	,505			
Ansiedade	,040	-,082	,161	,061	,091		
Evitação	,044	-,232	,319	,137	,044		
Modelo 3						0,01	,00
Constante	-,035	-3,17	3,1	1,56			
Ansiedade	,039	-,089	,166	,064	,088		
Evitação	,039	-,272	,350	,155	,039		
Satisfação	-,017	-,522	,487	,251	-,011		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.
* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Tabela 7

Resultados da regressão hierárquica para perpetração por mulheres utilizando os preditores masculinos.

Variáveis	B	95% CI B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,011	,00
Constante	,021	-,325	,366	,172			
Ansiedade parceiro	,040	-,063	,143	,051	,107		
Modelo 2						,011	,00
Constante	,016	-,755	,786	,384			
Ansiedade parceiro	,040	-,064	,144	,052	,107		
Evitação parceiro	,002	-,236	,240	,119	,002		
Modelo 3						,051	,040
Constante	1,55	-,698	3,80	1,12			
Ansiedade parceiro	,039	-,064	,142	,051	,104		
Evitação parceiro	-,013	-,250	,224	,118	-,015		
Satisfação parceiro	-,314	-,740	,119	,216	-,200		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.
* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Participantes do sexo masculino

As análises que buscaram prever a vitimização masculina a partir das variáveis dos próprios participantes, e pelas variáveis das suas parceiras estão descritas nas Tabela 8 e Tabela 9, respectivamente. A primeira análise demonstrou que, apenas a satisfação autorrelatada se mostrou negativamente relacionada de vitimização masculina. Já, a segunda análise demonstrou que somente a satisfação da parceira se mostrou negativamente relacionada.

Tabela 8

Resultados da regressão hierárquica para vitimização em homens utilizando os preditores masculinos.

Variáveis	B	95% CI B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,026	,00
Constante	-,120	-1,20	,962	,539	-		
Ansiedade	,192	-,131	,514	,161	,161		
Modelo 2						,026	,00
Constante	-,038	-2,45	2,37	1,20			
Ansiedade	,192	-,134	,518	,163	,162		
Evitação	-,028	-,774	,717	,372	-,010		
Modelo 3						,165	,139*
Constante	9,06*	2,40	15,72	3,31			
Ansiedade	,186	-,119	,491	,152	,157		
Evitação	-,116	-,816	,584	,349	-,043		
Satisfação	-1,86*	-3,14	-,580	,638	-,375*		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Tabela 9

Resultados da regressão hierárquica para vitimização em homens utilizando os preditores femininos.

Variáveis	B	95% CI B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,047	,00
Constant	-,622	-2,043	,798	,708			
Ansiidade parceira	,300	-,073	,672	,168	,217		
Modelo 2						,048	,001
Constant	-,301	-3,43	2,83	1,560			
Ansiidade parceira	,297	-,080	,673	,188	,214		
Evitação parceira	-,098	-,950	,753	,424	-,031		
Modelo 3						,134	,008*
Constant	9,53*	,268	18,8	4,61			
Ansiidade parceira	,182	-,195	,559	,188	-,132		
Evitação parceira	-,558	-1,47	,359	,457	-,178		
Satisfação parceira	-1,66*	-3,15	-,182	,741	-,336*		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Para a perpetração de CS por homens, os preditores do primeiro modelo foram o apego ansioso dele, apego evitativo dele e satisfação dele (Tabela 10). Na primeira etapa do modelo, apenas a ansiedade foi testada e mostrou-se significativa. Na segunda etapa, a evitação foi inserida e não mostrou significância, porém a ansiedade continuou significativa. Na terceira etapa a satisfação foi inserida e mostrou-se significativa, assim como a ansiedade; a evitação, porém, não foi significativa. A análise que buscou prever perpetração masculina a partir dos

previsores femininos está descrita na Tabela 11, porém, não houve associações significativas entre nenhuma das variáveis, em nenhuma das etapas da regressão.

Tabela 10

Resultados da regressão hierárquica para perpetração por homens utilizando os preditores masculinos.

Variáveis	B	95% CI B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,113	,00*
Constante	-1,16	-2,77	,445	,802	-		
Ansiedade	,681*	,201	1,16,	,239	,364*		
Modelo 2						,138	,025
Constante	-2,08	-5,66	1,48	1,78	-		
Ansiedade	,676*	,192	1,15	,241	,361*		
Evitação	,320	-,784	1,42	,551	,075		
Modelo 3						,310	,172*
Constante	13,8*	4,27	23,36	4,75			
Ansiedade	,665*	,228	1,1	,218	,356*		
Evitação	,168	-,835	1,17	,499	,039		
Satisfação	-3,25***	-5,08	-1,41	,914	-,451***		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.
* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Tabela 11

Resultados da regressão hierárquica para perpetração por homens utilizando os preditores femininos.

Variáveis	B	95% CI B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,077	,00*
Constant	-1,26	-3,46	,935	1,09	-		
Ansiidade parceira	,605*	0,28	1,18	,288	,278*		
Modelo 2						,125	0,64
Constant	-4,80*	-9,53	-,078	2,35	-		
Ansiidade parceira	,637*	,068	1,2	,283	,292*		
Evitação parceira	1,08	-,203	2,36	,641	,220		
Modelo 3						,189	,064
Constant	8,506	-5,62	22,63	7,03	-		
Ansiidade parceira	,486	-,098	1,05	,286	,221		
Evitação parceira	,460	,512	1,85	,696	,093		
Satisfação parceira	-2,25	,051	,008	1,12	-,289		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Discussão Estudo 1

No presente estudo visou-se investigar o efeito preditivo da satisfação no relacionamento e do apego inseguro (evitativo e ansioso) sobre a coerção sexual sofrida e praticada no relacionamento em casais brasileiros. Um diferencial importante deste estudo foi a utilização de casais, associado a escalas validadas para mensurar a coerção sexual, apego e

satisfação e a análise em díades. Há uma análise de coerção e satisfação no contexto brasileiro feita por Lopes et al. (2021), porém não foi mensurado apego adulto, nem utilizada uma escala validada de satisfação. Além disso, a pesquisa com casais permite identificar as nuances relacionadas às dimensões de apego e satisfação que são particulares do relacionamento atual (Simpson & Overall, 2014; Colibee & Furman, 2014), além de permitir a investigação de como as características dos dois parceiros interagem entre si para contribuir para a coerção sexual (Dugal et al., 2021). Uma lista com a confirmação ou não das predições do Estudo 1 encontra-se no Apêndice H.

Em relação a comparação entre a vitimização e perpetração de coerção sexual, houve uma associação alta entre perpetração autorrelatada por homens e vitimização autorrelatada por mulheres, indo de acordo com os achados de Brousseau et al. (2011). Esses resultados não corroboram com os encontrados de O'Leary & Williams (2006) de que agressores reportam menos comportamentos de perpetração de abuso quando comparado ao relato das vítimas. Além disso, foi encontrado um maior relato de perpetração por homens e vitimização por mulheres, conforme estudos já relataram (Jeffrey & Barata, 2017; Brousseau et al., 2011).

Em relação a hipótese 1, a predição 1.1 foi não confirmada. A dimensão de evitação autorrelatada não se mostrou significativamente associado à vitimização de coerção sexual no terceiro modelo, indo de encontro de outros estudos que encontraram resultados semelhantes (eg: Dugal et al., 2021; Brassard et al., 2007; Impett & Peplau, 2002; Getlzer & Kerns, 2004). A satisfação autorrelatada não foi um preditor significativo para a vitimização de CS, ao contrário do que é trazido em diferentes estudos (eg: Panuzio & Dillillo, 2010; Katz & Myhr, 2008; Shackelford & Goetz, 2004), não confirmando a predição 1.2. Lopes et al. (2021) também não encontrou associação significativa entre coerção sexual e satisfação no relacionamento no contexto brasileiro, o que pode ser explicado por uma possível associação entre aspectos mais sutis da coerção sexual e sua associação com interesse no relacionamento.

Em relação à hipótese 2, a dimensão de ansiedade do parceiro mostrou forte associação com a vitimização de coerção sexual na mulher, corroborando com diversos estudos (e.g.: Gottlieb & Schmitt, 2023; Barbaro et al., 2018; He & Tsang, 2014), confirmando a predição 2.1. Porém a satisfação do parceiro não mostrou associação significativa com a vitimização de mulheres, não confirmando a predição 2.2, resultado diferente do estudo de Oswald & Russel (2010) que encontraram uma associação positiva entre percepção de satisfação do homem e sua perpetração de coerção sexual – de forma indireta, a vitimização da parceira.

Em relação a perpetração por mulheres, não houve associações significativas para nenhuma das variáveis relatadas pelas próprias participantes, nem com variáveis dos seus parceiros. Dessa forma, as hipóteses 3 e 4 não foram confirmadas. Os resultados vão na contramão daqueles encontrados por aqueles que apontam para a perpetração de CS em mulheres e sua associação com o próprio apego inseguro (eg: Gottlieb & Schmitt, 2023; Barbaro et al., 2018) ou do parceiro (Getzler & Kerns, 2004), além daqueles que apontam para uma associação entre perpetração da coerção sexual e seu impacto na satisfação do parceiro (Panuzzio & Dilillo, 2010). Uma possível explicação para essa diferença entre resultados, pode ser que os estudos anteriores utilizaram apenas indivíduos, mas não casais, como foi feito neste estudo.

Tais dados podem estar associados a maior vantagem evolutiva da coerção sexual para homens em um relacionamento, comparado às mulheres, no que tange à diminuição da incerteza da paternidade masculina (Goetz et al., 2008), ou a um script social diferente entre homens e mulheres no que tange o comportamento sexual (Brousseau et al., 2011). Dessa forma, mulheres utilizariam, com menor frequência, a disponibilidade sexual dos parceiros como pistas de engajamento do relacionamento quando comparadas aos seus parceiros.

Para a vitimização masculina, quanto menor a satisfação de um dos indivíduos do casal, maior o relato de vitimização de coerção sexual por homens, confirmando as segundas

predições das hipóteses 5 e 6. Esses achados são importantes, pois há estudos limitados de pesquisas que investigam a vitimização de CS em homens (eg: Dugal et al., 2021; Panuzzio & Dilillo, 2010; Gentzler & Kerns, 2004), principalmente por ignorarem largamente a satisfação do casal. Os dados encontrados, de certa forma, vão ao encontro daqueles encontrados por Panuzzio e Dililo (2010) que apontam para uma associação negativa entre satisfação e perpetração da coerção sexual pelo parceiro. Apesar disso, a associação negativa da satisfação de ambos os membros do casal com a vitimização masculina é um dado novo na literatura, sendo um dos grandes diferenciais desse estudo.

No que tange a perpetração da CS por homens, as predições da hipótese 7 foram confirmadas. A ansiedade e a satisfação (de forma negativa) do participante masculino foram associados a maiores índices de perpetração de coerção sexual. Esse resultado corrobora com diversos que apontam para a relação da perpetração da CS e a dimensão de ansiedade (Gottlieb & Schmitt, 2023; Barbaro et al., 2018; Sommer et al., 2017; He & Tsang, 2014; Brassard et al., 2007), além dos estudos que apontam para a perpetração da CS e baixa satisfação do perpetrador (Oswald & Russell, 2010). Um dado novo trazido pelo presente estudo é que a perpetração masculina, pelo menos em casais, parece ser explicada por características próprias do homem, mas não por características das suas parceiras. Tal distinção concorda em grande medida que características das mulheres não as tornam mais propensas de serem vítimas da coerção dos homens.

As variáveis ansiedade e níveis de satisfação também já foram associadas na literatura (Li & Chan, 2012), apesar da correlação entre as variáveis não se mostrarem significativas. A hipótese 8, relação entre perpetração da coerção sexual e as variáveis da parceira não foi confirmada, convergindo com o resultado da vitimização feminina.

O estudo em casal proporciona percepção da interação entre as percepções de ambos os parceiros de uma forma que os estudos com indivíduos não tornam possíveis. A associação

entre o apego ansioso do homem, sua perpetração de CS e a vitimização de CS pela sua parceira é um dado muito importante, pois, além de apontar para índices similares de percepção de coerção sexual no casal (Brousseau et al., 2011), também ressalta a importância da dimensão de ansiedade na perpetração da coerção sexual. Os resultados em casal assemelham-se com resultados já encontrados em pesquisas com participantes individuais (Barbaro et al., 2018; He & Tsang, 2014) o que ressalta ainda mais a importância do apego na perpetração da coerção sexual por homens. Tais dados podem servir como um motivador no desenvolvimento de táticas, em psicoterapia individual ou de casal, focadas no apego ansioso do parceiro, quando a queixa for coerção sexual no relacionamento íntimo.

Uma das limitações importantes do Estudo 1 foi o número reduzido de casais participantes, o que pode comprometer o poder estatístico do estudo no que tange a detectar efeitos moderados ou pequenos. Além disso, a partir do momento em que se convida casais para uma pesquisa de satisfação, pode-se ter um viés em relação aos índices de satisfação. Pressupõe-se que apenas casais com maiores níveis de satisfação poderiam se dispor a realizar essa pesquisa, colocando um efeito de teto na variável satisfação do relacionamento. Outro aspecto que merece destaque é o nível relativamente baixo de relato de vitimização e perpetração por ambos os membros do casal. Conhecido como efeito de chão, a baixa frequência de respostas é um fator limitante para as análises estatísticas inferenciais e testes de hipóteses. Por esse motivo, buscamos transformar em logaritmo as variáveis relacionadas à coerção. A transformação não conseguiu eliminar o viés, e por conta disso, alguns dos resultados podem não ter alcançado um p-valor significativo devido à baixa variabilidade (Field, 2020).

Com o objetivo de tentar contornar essas limitações, o Estudo 2 foi realizado com um número maior de indivíduos em um relacionamento, porém não-díades.

Estudo 2

Para o estudo dois, levantou-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a vitimização da coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Predição 1.1: O apego evitativo autorrelatado terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Predição 1.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.

Hipótese 3: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Predição 3.1: O apego ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Predição 3.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.

Hipótese 5: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a vitimização da coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Predição 5.1: O apego evitativo ou ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Predição 5.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.

Hipótese 7: As características autorrelatadas de apego inseguro e satisfação estão associadas a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Predição 7.1: O apego ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Predição 7.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 514 indivíduos auto-indentificados como heterossexuais em um relacionamento de, no mínimo, um ano. É importante ressaltar que, diferentemente do estudo 1, os participantes deste estudo não se relacionavam entre si. As características socioeconômicas se encontram na Tabela 12.

Tabela 12

Participantes	Tempo de relação (meses)			Idade			Renda familiar (Reais)			Grau de escolaridade	
	N	M	DP	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	Intervalo
Mulheres	455	67	53,9	28,1	6,2	18 – 53	3.553,4	3.545,8	1.100,00 – 16.000	Ensino superior incompleto	Ensino médio incompleto – Pós-graduação completa
Homens	59	56	52,2	29,8	7,6	19 – 63	5.432,5	5.691,3	1.100 – 15.000	Ensino superior incompleto	Ensino médio incompleto – Pós-graduação completa

Características socioeconômicas dos participantes do estudo 2

Nota. N = número de participantes; M = média; DP = desvio padrão.

Instrumentos

Questionário Socioeconômico

Ver Estudo 1.

Escala do Amor (Apêndice C)

Ver Estudo 1. O alfa de Cronbach da escala no Estudo 2 foi de 0,847.

Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos – ECSRA (Apêndice F e G)

Ver Estudo 1. O alfa de Cronbach da escala no Estudo 2 foi de 0,751 para Coerção sofrida e 0,831 para Coerção praticada.

Escala Experience in Close Relationship – Reduzida - ECR-R-Brasil (Apêndice D)

Ver Estudo 1. No Estudo 2 os itens de ansiedade, o alfa de Cronbach foi de 0,72 e para os itens de evitação o alfa de Cronbach foi de 0,651.

Procedimento

Os participantes foram recrutados por meio de convite divulgado em redes sociais para pessoas de diferentes orientações sexuais em um relacionamento afetivo há pelo menos 1 ano. Os dados foram coletados a partir de formulário online e de forma assíncrona, principalmente pela não necessidade de controle de interação por parte dos participantes de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023.

Para a coleta de dados, a pesquisa contou com a colaboração de alunos de graduação do grupo de pesquisa do laboratório de Psicologia Evolucionista, da Universidade de Brasília. Foram empreendidos muitos esforços no que tange à divulgação em redes sociais e em grupos LGBTQIA+ para aumentar a variabilidade sexual e foi conseguido um número significativo. Mas, com o objetivo de maior continuidade com o Estudo 1, preferiu-se realizar o estudo apenas com os participantes heterossexuais.

Análise de dados Estudo 2

Os dados foram exportados e tabulados para análise utilizando o programa estatístico IBM SPSS versão 28.0 para Windows. Identificou-se um viés relativamente baixo de autorrelato de vitimização e perpetração de coerção sexual (CS) por mulheres (20% e 11%, respectivamente) e por homens (26% e 12%, respectivamente). Dessa forma, as medidas de CS foram transformadas em logaritmo e realizamos as análises inferenciais nessa versão. Realizou-se análises correlacionais de Spearman entre as principais variáveis do estudo para verificar possíveis relações e associações. Os escores brutos se encontram descritos na Tabela 13.

De acordo com o objetivo do estudo foram realizadas regressões hierárquicas com o método *Enter*. Foram realizadas 2 regressões para participantes do sexo feminino, para verificar os níveis de autorrelato de perpetração e vitimização de CS e as associações com as próprias dimensões de apego e satisfação. O mesmo procedimento foi realizado para os participantes do sexo masculino. Ao total, foram realizadas oito regressões. A ordem de entrada nos diferentes modelos permaneceu a mesma para todas as regressões descritas acima. No primeiro modelo foi inserida a ansiedade; no segundo modelo, a ansiedade e a evitação; e no terceiro, ansiedade, evitação e satisfação. Diferentemente do Estudo 1, os dados do Estudo 2 não foram cruzados, pois não se tratavam de díades.

Tabela 13

Escores brutos das variáveis relevantes do estudo 2

Participantes	N	Ansiedade			Evitação			Satisfação			Coerção praticada			Coerção sofrida		
		M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo	M	DP	Intervalo
Mulheres	455	3,65	,05	1–7	1,80	,03	1–6	4,55	,02	1,78–5	,04	0	0–,43	4,55	,02	0–,64
Homens	59	3,20	0,16	1–6,2	2,08	,09	1,0–3,8	4,65	,06	2,89–5	,02	0	0–,28	,03	,00	0–,44

Nota. N = Número de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

Análise de dados dos participantes de sexo feminino

Na análise para vitimização de CS em mulheres as variáveis utilizadas foram a dimensão de evitação, a dimensão de ansiedade, a satisfação no relacionamento. Essa decisão foi baseada em estudos anteriores que associavam a vitimização de CS ao apego inseguro autorrelatado (Dugal et al., 2021; Karakurt et al., 2019; Brassard et al., 2007; Getlzer & Kearns, 2004) e o impacto da CS na satisfação autorrelatada pela vítima (Panuzio & Dilillo, 2010; Katz & Myhr, 2008; Shackelford & Goetz, 2004).

Para perpetração por mulheres, a análise utilizou a variável perpetração de CS, com o apego ansioso (Gottlieb & Schmitt, 2023; Barbaro et al., 2018), evitativo (Gottlieb & Schmitt, 2023) e satisfação (Panuzio & Dilillo, 2010).

Análise de dados dos participantes de sexo masculino

Para a vitimização de CS nos participantes do sexo masculinos, utilizou-se as variáveis apego ansioso, apego evitativo e satisfação. Há estudos que apontam para a associação entre vitimização de coerção sexual e apego evitativo em homens (Dugal et al., 2021; Gentzler & Kerns, 2004) e associações entre índices de satisfação de perpetração da parceira e menores índices de autorrelato de satisfação do relacionamento (Panuzio & Dilillo, 2010).

Para a perpetração de CS por homens, os preditores da análise foram o apego ansioso, apego evitativo e satisfação. Essa escolha se deu pelo escopo de estudos que sustentam a associação entre apego ansioso do sujeito e própria perpetração da CS (Gottlieb & Schmitt, 2023; Dugal et al., 2021; Barbaro et al., 2018; Sommer et al., 2017; He & Tsang, 2014), pelos estudos que sustentam a associação entre apego evitativo do sujeito e a própria CS (Gottlieb & Schmitt, 2023; Langton et al. 2015) e a associação negativa entre a satisfação e a CS do perpetrador (Panuzio & Dilillo, 2010; Oswald & Russel, 2010).

Resultados

Participantes do sexo feminino

Correlações de Spearman foram realizadas com as variáveis relevantes para o estudo para verificar possíveis interações e associações (Tabela 14). Chama-se a atenção para a associação significativa entre a satisfação e as variáveis de apego inseguro (ansiedade e evitação) e a coerção sexual (vitimização e perpetração).

Tabela 14

Correlações de Spearman entre as variáveis femininas relevantes do estudo 2

Nota: ** $p < ,05$. *** $p < ,001$.

Variável	1	2	3	4	5	6	7
1. Perpetração							
2. Vitimização	,178***						
3. Ansiedade	,308***	,089					
4. Evitação	,065	,195***	,110				
5. Satisfação	-,181***	-,242***	-,253***	-,504***			
6. Idade	,089	,092	,079	,190**	-,254***		
7. Escolaridade	-,013	-,007	,036	,113	-,113*	,553***	
8. Tempo de relacionamento	,006	,090	-,055	-,09	-,091	,316***	,168***

No que diz respeito às mulheres e a vitimização de CS com apego inseguro e satisfação (Tabela 15), no modelo 1 da regressão, a ansiedade não se mostrou significativa. No modelo 2, a ansiedade permaneceu não significativa, enquanto a evitação foi significativa. No modelo 3, a entrada da satisfação mostrou-se significativa, enquanto a ansiedade permaneceu não significativa, a evitação perdeu significância.

Tabela 15

Resultados da regressão hierárquica para vitimização em mulheres utilizando os preditores femininos

Variáveis	B	95% IC B		DP B	β	R^2	ΔR^2
		LI	LS				
<hr/>							

Modelo 1						,004 ,000
Constante	,025	-,001	,051	,013		
Ansiedade	,005	-,002	,012	,003	,066	
Modelo 2						,066,062***
Constante	-,021	-,051	,009	,015		
Ansiedade	,004	-,002	,011	,003	,056	
Evitação	,027***	,017	,037	,005	,249***	
Modelo 3						,115,053***
Constante	,268***	,150	,387	,060		
Ansiedade	,001	-,006	,007	,003	,011	
Evitação	,006	-,006	,019	,006	,058	
Satisfação	-,053***	-,073	-,032	,011	-,269***	

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 455

Para a perpetração de CS por mulheres e a associação entre as variáveis de apego inseguro e satisfação (Tabela 16), no modelo 1 da regressão, a ansiedade se mostrou significativa. No modelo 2, a ansiedade permaneceu significativa, enquanto a evitação não apontou grau de significância. No modelo 3, a ansiedade permaneceu com sua significância, enquanto a satisfação mostrou-se significativa com a perpetração de CS. A evitação não mostrou relação significativa em nenhum dos três modelos.

Tabela 16

Resultados da regressão hierárquica para perpetração de mulheres utilizando os preditores femininos

Variable	B	95% IC B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,09	,00***
Constante	-,030	-,046	-,015	,008			
Ansiedade	-,014***	,010	,018	,002	,301***		
Modelo 2						,092	,002
Constante	-,035***	-,053	-,016	,009			
Ansiedade	,014***	,010	,018	,002	,299***		
Evitação	,003	-,003	,009	,003	,040		
Modelo 3						,100	,008*
Constante	,04	-,034	,113	,037			
Ansiedade	,013***	,009	,017	,002	,280***		
Evitação	-,003	-,01	,005	,004	-,039		
Satisfação	-,014*	-,027	-,001	,007	-,123*		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Participantes do sexo masculino

Uma correlação de Spearman foi realizada com todas as variáveis relevantes para o estudo para verificar possíveis interações e associações (Tabela 17). A associação com alta valor de significância entre idade do participante e as variáveis de satisfação no relacionamento e apego evitativo chamou atenção. Além dela, chama-se atenção para as correlações

Modelo 1						,039	,00
Constante	-,001	-,055	,053	,027			
Ansiedade	,012	-,004	,028	,008	,198		
Modelo 2						,049	,010
Constante	-,02	-,095	,054	,037			
Ansiedade	,012	-,004	,028	,008	,193		
Evitação	,010	-,016	,035	,013	,099		
Modelo 3						,135	,086*
Constante	,305*	,017	,594	,144			
Ansiedade	,008	-,008	,023	,008	,129		
Evitação	-,010	-,041	,020	,015	-,107		
Satisfação	-,058*	-,108	-,008	,025	-,366*		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Para a perpetração de CS em participantes do sexo masculino, foram utilizadas as variáveis apego ansioso, apego evitativo e satisfação (Tabela 19). O apego ansioso não se mostrou significativo em nenhum dos modelos, porém a entrada da evitação obteve significância no segundo modelo. A entrada da satisfação no terceiro modelo mostrou-se significativa com a perpetração da coerção sexual por homens, enquanto a evitação não apontou mais grau de significância.

Tabela 19

Resultados da regressão hierárquica para perpetração por homens utilizando os preditores masculinos

Variáveis	B	95% IC B		DP B	β	R ²	ΔR^2
		LI	LS				
Modelo 1						,00	,00
Constante	,020	-,023	,063	,022			
Ansiedade	,001	-0,12	,013	,006	,017		
Modelo 2						,081	,081*
Constante	-,023	-,08	,034	,029			
Ansiedade	,00	-,012	,012	,006	,001		
Evitação	,022*	-,002	,002	,01	,284*		
Modelo 3						,373	0,292***
Constante	,448***	,256	,640	,096			
Ansiedade	-,006	-,016	,005	,005	-,117		
Evitação	-,007	-,027	,013	,010	-,096		
Satisfação	-,084***	-,118	,000	,017	-,675***		

Nota. IC = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; DP = desvio padrão.

* $p < ,05$. *** $p < ,001$. N = 55

Discussão Estudo 2

O presente estudo teve como objetivo principal investigar o impacto de dimensões do apego inseguro e da satisfação na coerção sexual (vitimização e perpetração) em homens e mulheres brasileiros em um relacionamento. Buscamos verificar se as limitações do Estudo 1 poderiam ser respondidas com uma amostra mais robusta e sem a necessidade de participação

dos parceiros amorosos. Encontramos que a satisfação feminina e masculina foram preditores importantes da vitimização e perpetração relatadas por mulheres e homens, enquanto a ansiedade foi previsora apenas da perpetração feminina autorrelatada. Esses resultados convergiram em grande medida com os resultados do Estudo 1. É importante ressaltar a utilização das mesmas escalas validadas de satisfação, apego e coerção sexual, garantindo uma padronização na coleta de dados para uma comparação melhor sucedida entre díades e indivíduos. Compara-los com diferentes escalas é um grande desafio metodológico que pode comprometer a compreensão clara das possíveis diferenças das interações de díade que se perdem nos indivíduos (ver capítulo 2).

A evitação não se mostrou como um preditor importante da vitimização ou perpetração em mulheres e homens nesse estudo. A maior parte dos estudos que investigam a coerção dentro do relacionamento tem associado à vitimização e perpetração às dimensões de ansiedade e evitação, mas tem negligenciado a satisfação no relacionamento.

Confirmando as previsões 1.2 e 5.2, tanto a vitimização feminina e masculina foram previstas pela satisfação dos próprios participantes. Do modo semelhante, confirmando as previsões 3.2, a dimensão de ansiedade previu positivamente a perpetração feminina, e 7.2, a perpetração masculina foi prevista pela própria satisfação. Porém, as previsões 1.1, 3.1, 5.1 e 7.1 não foram confirmadas.

A associação entre essas variáveis pelo público feminino nesse estudo é um achado novo, e não até então não havia sido reportado na literatura. Oswald & Russel (2006) identificaram que homens que perpetuavam CS eram percebidos como parceiros insatisfeitos nos seus relacionamentos, porém, os autores não investigaram a associação entre perpetração e satisfação no relacionamento, nem mesmo em mulheres. Além disso, uma potencial reação a uma ameaça no relacionamento é a coerção sexual (Goetz & Shackelford, 2004). Deduzindo-

se dessa relação, uma ameaça ao relacionamento impacta de forma negativa na satisfação, como previram hipóteses evolucionistas (Shackelford & Buss, 2000).

Em relação à perpetração de CS por mulheres, a dimensão de ansiedade foi um previsor mais forte que o da satisfação, confirmando a predição 2.1. Esses dados corroboram com os dados de Barbaro et al. (2018), que encontrou correlação significativa entre perpetração de mulheres e seu nível de apego ansioso.

Apenas a satisfação mostrou associação e poder preditivo para a vitimização de CS em homens, confirmando a predição 3.2. Esses dados encontram ressonância indireta com os dados encontrados por Panuzzio & Dilillo (2010), que apontaram para um impacto negativo na satisfação do cônjuge quando um deles praticava coerção sexual. Porém foram de encontro ao estudo de Dugal et al. (2021), por exemplo, que apontavam para uma associação entre vitimização de coerção sexual e apego evitativo em mulheres e homens.

A predição 5.1 não foi confirmada, confirmando parcialmente a hipótese 5. Ao contrário do esperado, o apego ansioso não se mostrou significativo no que tange a perpetração de coerção sexual por homens, indo de encontro à estudos anteriores que apontavam para essa relação (eg: Barbaro et al., 2018; Brassard et al., 2007).

Os resultados do Estudo 2 demonstram que levar em consideração apenas as dimensões de apego adulto ao investigar a coerção sexual pode ser um fator limitante, haja vista que a entrada da satisfação nas regressões realizadas demonstrou que as variáveis relacionadas ao apego perdem poder preditivo. Assim, o Estudo 2 confirma aspectos importantes que foram levantados no Estudo 1, como a importância de investigar a satisfação no relacionamento na ocorrência de comportamento coercitivos no relacionamento. Em ambos os estudos ficou demonstrado que a satisfação no relacionamento, muito mais que apego, foi um forte previsor da coerção sexual em mulheres e homens. Uma lista com a confirmação ou não das predições do Estudo 2 encontra-se no Apêndice H.

Em resumo, esperávamos que ao selecionar apenas indivíduos ao invés de casais, indivíduos menos satisfeitos poderiam aderir mais ao estudo, e assim os resultados poderiam divergir do Estudo 1. Porém, ao assumir essa linha, perdemos a possibilidade de investigar como as variáveis dos parceiros poderiam influenciar na vitimização e perpetração dos participantes. Dessa forma, conduzimos o estudo de forma mais semelhante àquela realizada pela ampla maioria dos estudos, ao medir os constructos em indivíduos em um relacionamento, mas não em díades (eg: Lopes et al., 2021; Barbaro et al., 2018; He & Tsang, 2014; Katz & Myhr, 2008; Getzler & Kerns, 2004). Contudo, três importantes diferenciais merecem ser pontuados, o desenvolvimento do estudo na população brasileira, a inclusão da satisfação no relacionamento, e o uso de uma escala apropriada para medi-la. A maior parte dos estudos que investigam coerção e apego foram realizados em países do norte global, negligenciaram a satisfação e/ou utilizaram apenas alguns itens para avaliar a satisfação dos indivíduos.

Apesar disso, é importante pontuar algumas limitações no estudo. Por mais que se tenha empreendido esforços para captar mais participantes do sexo masculino por meio de publicações voltadas para eles, houve uma baixa adesão dessa população no estudo. Essa é uma limitação já identificada na ciência psicológica (Ryan et al., 2019). Além disso, o estudo contou com um número alto de estudantes universitários, o que pode acabar influenciando no poder de generalização para diferentes populações. Também houve baixo relato no que tange a coerção sexual por homens e mulheres, o que pode levar a um efeito de chão e prejudicar as análises. Também houve a transformação em logaritmo, porém não se conseguiu eliminar o viés, e por conta disso, alguns dos resultados podem não ter alcançado um p-valor significativo devido à baixa variabilidade (Field, 2020).

Discussão geral

O presente trabalho visou testar o efeito das dimensões de apego (evitativo e ansioso) e da satisfação na vitimização e perpetração de coerção sexual em homens e mulheres. Para

uma tentativa de suprir lacunas metodológicas em pesquisas anteriores na área do apego (ver capítulo 2) e da satisfação (Lopes et al., 2021), buscou-se utilizar dados de díades (Estudo 1) e não díades (Estudo 2). Ao realizar o Estudo 2, pretendíamos verificar se as variáveis relatadas por indivíduos apontariam para diferentes resultados do Estudo 1, que investigou casais (Dugal et al., 2021). Importante pontuar que além da utilização de escalas validadas no contexto brasileiro (Natividade e Shiramizu, 2015; Lopes et al., 2021; França et al., 2016) terem sido utilizadas em ambos os estudos, inovamos com a inclusão da satisfação no relacionamento como um preditor da coerção sexual. O presente estudo também testou o poder de previsão do apego adulto e da satisfação sobre a vitimização e perpetração da coerção sexual em homens e mulheres, um fator apontado como limitante no estudo de Barbaro et al. (2018). Até onde vai nosso conhecimento, esses dados não estavam presentes na literatura até o momento. Uma lista com a confirmação ou não das predições de ambos os estudos se encontram no Apêndice H.

Vitimização de CS

No que diz respeito à vitimização de coerção sexual em homens e mulheres, encontrou-se efeitos importantes tanto do apego, quanto da satisfação no relacionamento (Ver resumo da confirmação das predições no Apêndice G). Tais dados vão ao encontro das diversas pesquisas na área do apego e CS, (eg: Dugal et al., 2021; Barbaro et al., 2018; Sommer et al., 2017; Karantzas et al. 2015; He & Tsang, 2014; Brassard et al., 2007; Getzer & Kerns, 2004; Impett & Peplau, 2002) e da satisfação no relacionamento e CS (eg: Jeffrey & Barata, 2017; Mikulicer & Shaver, 2012; Panuzzio e Dilillo, 2010; Katz & Myhr, 2008; Shackelford & Goetz, 2004). Porém, inovam em relação aos estudos anteriores no que tange ao teste com duas populações (díades e indivíduos) e o teste de previsão das variáveis de apego e satisfação na CS.

Apenas o Estudo 2 mostrou a satisfação como um fator de maior poder explicativo para a vulnerabilidade à coerção sexual em mulheres. Há descrições na literatura do impacto da coerção sexual na diminuição da satisfação no relacionamento (Katz & Myhr, 2008), porém -

até onde vai nosso conhecimento - não há estudos anteriores que testaram a satisfação como um possível preditor de vitimização de coerção sexual. Uma possível explicação pode estar relacionada à baixa motivação sexual que um indivíduo pode ter em relação ao sexo associado à baixos índices de satisfação do relacionamento (Zhao et al., 2022), o que levaria a uma maior pressão sexual pelo parceiro – consequentemente, uma maior percepção de insistência pós recusa sexual.

Em relação à vitimização de CS na população masculina, a baixa satisfação autorrelatada (Estudos 1 e 2) e a baixa satisfação da parceira (Estudo 1) se mostraram como fatores preponderantes para a vulnerabilidade. Na literatura, a relação entre a coerção sexual da parceira e o impacto na baixa satisfação do parceiro é conhecido (Panuzzio & Dilillo, 2010; Busby & Compton, 1997), porém - por nós - não é conhecido estudos que apontem para o impacto da satisfação como um preditor da vitimização de coerção sexual em homens. Esse fator pode ser dar, de forma indireta, à associação entre frequência de comportamento sexual e satisfação amorosa (Zhao et al., 2022). Dessa forma, indivíduos pouco satisfeitos estariam mais propensos a sofrerem pressão sexual de suas parceiras (ou perceberem maiores índices de coerção sexual).

O estudo com a população masculina é importante, principalmente porque, apesar de em menor frequência, a vitimização de CS masculina é apontada na literatura (eg: Struckman-Johnson et al., 2003) - e corroborado por este trabalho - que homens também estão vulneráveis à CS. Além disso, o script social de que homens não podem negar sexo e a visão mais punitiva social em relação à vitimização masculina (Ross et al., 2016), tornam esse fenômeno ainda mais subnotificado. Uma revisão recente encontrou que a proporção de mulheres que perpetuam CS é de 17% no mundo todo. Mesmo que a perpetração seja encontrada também entre mulheres lésbicas e bissexuais, a maioria dos estudos encontrou que a maior parte das

agressões foram perpetuadas por mulheres heterossexuais contra homens (DiMarco & Savitz, 2023).

Perpetração de CS

Encontramos preditores para a perpetração em mulheres somente no Estudo 2. Em relação à ansiedade, o estudo vai ao encontro de estudos prévios (eg: Barbaro et al. 2018). Como indivíduos de apego ansioso tendem a utilizar táticas de hiperativação para assegurar o afeto e disponibilidade do parceiro diante de pistas de ameaça ao relacionamento, pode se identificar maiores comportamentos de coerção sexual vindas de indivíduos com alto nível nessa dimensão (Barbaro et al. 2018). A satisfação também previu perpetração de CS por mulheres, também se mostrando um dado novo na literatura. Pode ser explicada pela possível diminuição de um comportamento sexual entre os parceiros insatisfeitos (Zhao et al., 2022), gerando pistas de ameaça do relacionamento. Dessa forma, emergiriam comportamentos de retenção de parceria - incluindo a coerção sexual.

Porém, o fato de só emergir em não-díades é um ponto importante a se ressaltar, pois não condiz com dados já encontrados na literatura em relação ao apego ansioso em mulheres e a perpetração de coerção sexual em díades (Goetlieb & Schmitt, 2023; Sommer et. al, 2017). Esse é um fator muito importante a ser levado em consideração, pois não se pode excluir o efeito da interação das variáveis de cada indivíduo de um relacionamento na composição de um cenário de perpetração e vitimização de CS (ver capítulo 1). Dessa forma, se há diferentes variáveis emergindo nas mesmas análises em díades e indivíduos, o efeito da interação do casal pode ser um fator relevante para os resultados.

A perpetração masculina se mostrou associada à própria satisfação no relacionamento (Estudos 1 e 2) e dimensão de ansiedade (Estudo 1). A satisfação se mostrou uma variável preditora importante em ambos os estudos no que tange à perpetração masculina da CS (Ver Apêndice G), algo que foi pouquíssimo investigado na literatura. No estudo de Oswald &

Russel (2006), o homem que perpetuava coerção sexual em sua parceira era percebido como menos satisfeito no relacionamento, algo que emerge no presente estudo. Táticas de retenção podem surgir de uma baixa percepção de satisfação no relacionamento (Shackelford & Buss, 2000), principalmente porque são podem sinalizar uma possível evasão da parceira do relacionamento e até o aumento de riscos de infidelidade. levando a maiores índices de perpetração de coerção sexual no relacionamento (Goetz; Shackelford & Carmilleri, 2008; Goetz & Shackelford, 2006).

Em relação ao apego ansioso, que emergiu apenas no Estudo 1 como uma variável previsora de perpetração de CS, já é bem conhecido na literatura a associação de apego ansioso com a coerção sexual na população masculina (eg: Barbaro et al., 2018; Sommer et al., 2017; Brassard et al., 2007). A explicação pode estar relacionada a necessidade constante de pistas de vinculação afetiva da parceira e, sendo o comportamento sexual e seus derivados representam uma dessas pistas, a coerção sexual se torna uma tática comum em indivíduos de apego ansioso. A emergência desses dados em casal, mas não individual, podem se dar pela baixa quantidade de indivíduos do sexo masculino presentes no Estudo 2, dificultando a identificação de pequenos efeitos, porém a interação emergir em díades, assim como já foi relatado sua emergência com participantes individuais em relacionamento (eg: Barbaro et al., 2018), pode ser um ponto importante de sua forte contribuição para a perpetração de CS no sexo masculino.

É importante notar que o estudo com casais nos permitiu verificar que a vitimização relatada pelas mulheres foi prevista pelos níveis de ansiedade dos seus parceiros. De forma semelhante, a vitimização masculina foi prevista pelos níveis de satisfação das suas parceiras. Embora não encontramos modelos significativos nos demais cruzamentos, talvez por baixo poder estatístico, não teríamos encontrado a relação entre as variáveis do casal caso não tivéssemos optado pela abordagem com as díades. Ainda que modestamente podemos afirmar

que o estudo com díades se mostrou promissor na investigação do relacionamento amoroso, em especial no estudo da coerção e seus possíveis determinantes.

Chama atenção o fato da perpetração feminina e masculina no Estudo 1 não ter sido prevista por nenhuma das variáveis da parceira ou do parceiro. É provável que a perpetração autorrelatada por mulheres e homens possa ter sido subnotificada pelos próprios participantes comprometendo assim encontrar associações significativas. Por outro lado, as medidas de vitimização feminina e masculina foram previstas pela ansiedade dos parceiros e pela satisfação das parceiras, respectivamente. É importante sinalizar que essas medidas foram obtidas de forma independente, ou seja, a vitimização, ansiedade e satisfação foram todas autorrelatadas. Dessa forma, cruzamos, por exemplo, o autorrelato da vitimização das mulheres com o autorrelato da ansiedade dos parceiros. Esse dado é inovador em relação aos estudos anteriores que avaliam os constructos nos mesmos indivíduos. Devido os dados de díades ainda serem pouco utilizados na investigação sobre a coerção sexual, acreditamos que pesquisas futuras podem se beneficiar muito dessa abordagem, e confirmar se as associações encontradas em indivíduos são também encontradas quando se investiga casais.

Consideramos que as evidências iniciais encontradas no conjunto dos dois estudos podem nos informar sobre a dinâmica do relacionamento, no qual custos potenciais estão envolvidos, e como esses custos podem ser compreendidos por uma perspectiva evolucionista. Apego adulto, satisfação no relacionamento e coerção sexual possuem fortes bases evolutivas (Friedman et al., 2010; Schmitt et al., 2004; Thompson et al., 2022) (Martins et al., submetido; Schakelford & Buss, 1997) e podem estar fortemente relacionados entre si como estudos anteriores demonstraram (Vollman et al., 2019; Friedman et al., 2010) (Martins et al., submetido).

O apego adulto pode ter evoluído a partir do apego infantil, e no relacionamento amoroso pode ter tido a função de vincular o casal que se unia para o cuidado com a prole

(Hazan & Shaver, 1987). Diferentes estilos de apegos podem ter funções diferentes porque podem estar associados a diferentes estratégias reprodutivas (Belsky, 1997; Del Giudice, 2019). Enquanto o apego seguro está mais associado com a satisfação (Martins et al., submetido) e potencialmente está vinculado à manutenção de relacionamentos de longo prazo, os padrões de apego inseguro podem ter funções diferentes associados à estratégias sexuais mais quantitativas (Belsky, 2012). O apego ansioso é marcado pela constante vigilância e rapidez na identificação de situações relacionais ameaçadoras (Ein-Dor et al., 2010), enquanto, o apego evitativo é marcado pela motivação de autoproteção (Ein-Dor, 2014; Rholes et al., 2001). A satisfação, por sua vez, é conceituada evolutivamente como um estado subjetivo resultante da avaliação de custos e benefícios do relacionamento (Schackelford & Buss, 1997). Enquanto a coerção sexual tem sido interpretada como uma tática anti-infidelidade frequentemente adotada por homens para assegurar que suas parceiras não deserdem o relacionamento (Goetz & Shackelford, 2006).

Nesse conjunto de estudos, observamos a relação negativa entre vitimização e satisfação no relacionamento, e a associação positiva entre dimensão de ansiedade em homens e a perpetração da coerção (Apêndice G). Embora nosso desenho não nos permita identificar se a perpetração leva à baixa satisfação ou o inverso, encontramos que um potencial custo ao relacionamento (coerção) esteve negativamente associado à satisfação no relacionamento conforme a definição de Schackelford e Buss (1997). Da mesma forma, encontramos que homens mais ansiosamente apegados às suas parceiras tenderam a praticar mais coerção sexual contra elas, o que está em acordo com a sua conceituação enquanto um perfil de vigilância e de identificação de situações ameaçadoras.

As baixas taxas de perpetração feminina, em comparação com a perpetração masculina, têm sido discutidas a partir de hipóteses evolucionistas. Nessa perspectiva, a perpetração de CS masculina apresenta vantagens adaptativas e diminuem os riscos da deserção da parceira

do relacionamento. Porém, é necessário investigar quais as motivações de mulheres praticarem coerção sexual. Nossos resultados mostraram que a menor satisfação dos homens e de suas parceiras foi um preditor da vitimização dos homens. Nesse sentido, poderíamos supor que homens menos satisfeitos poderiam ser vítimas de coerção por talvez apresentarem pistas de deserção do relacionamento, de forma semelhante à razão evolucionista da vitimização das mulheres. Contudo, a baixa satisfação das mulheres como um preditor da vitimização masculina merece maior investigação em estudos futuros.

Os dados do presente estudo, além de aumentarem o escopo de evidências envolvendo a associação entre coerção sexual, apego e satisfação, também acrescenta dados relacionados à população brasileira. O Brasil tem um alto índice de desenvolvimento (HDI, 2023), porém ainda está muitos níveis atrás de países como os Estados Unidos da América, que concentra o maior número de produção científica na área. Dados de população não WEIRD são importantes para a generalização (ver capítulo 1) e o Brasil, com sua grande diversidade cultural, pode contribuir para a busca por características psicológicas universais humanas.

Além de contribuir para o aumento do número de estudos na área - que é limitado, buscar formas de reduzir a coerção sexual nos casais e seus possíveis impactos é algo de extrema necessidade. Em um país onde 47% das mulheres já sofreram algum tipo de pressão para engajar em uma relação sexual não quista (Énois et al., 2015), somados aos índices altos de violência entre parceiros, estratégias para o aprimoramento de relacionamentos é de suma importância. Técnicas visando o amortecimento da ativação dos mecanismos psicológicos do apego inseguro em homens e mulheres, além de aprimoramento da satisfação do relacionamento, podem ser fortes aliados na diminuição da coerção sexual entre parceiros íntimos.

A baixa heterogeneidade dos participantes, pois em sua maioria, participaram jovens e de nível superior incompleto (universitários) ainda é um ponto a ser levantado como limitação.

É extensa a discussão na literatura em relação ao poder de generalização de pesquisas feitas em jovens universitários e da amostra WEIRD (ver capítulo 1) e, por mais que se empreendesse esforços para a maior diversidade, infelizmente, o próprio contexto de pesquisa virtual pode ter contribuído para a baixa variação na amostra. Além disso, houve uma pequena adesão de casais homossexuais, o que dificultou as análises com esse público. Optou-se pela não utilização de variáveis como a idade e o tempo de relacionamento nas análises, principalmente pela complexidade das regressões levando em conta a baixa quantidade de participantes.

Além disso, a baixa quantidade de casais participantes heterossexuais, gays e lésbicas (com número ainda menos expressivo) no Estudo 1, e de indivíduos do sexo masculino – heterossexuais e gays – no Estudo 2, se mostraram um importante limitador no que tange às análises estatísticas. Apesar de emprendermos esforços para a obtenção de participantes em casal, foi alto o índice de desmarcações dado ao procedimento de coleta, que exigia a presença de ambos, simultaneamente a presença de um dos pesquisadores. Buscamos contornar essas limitações com a coleta individual e assíncrona, porém foi baixa a adesão de participantes do sexo masculino.

Utilizou-se a escala do amor (MARQ – Brasil) como uma medida para mensuração de satisfação, conforme o trabalho de França (2013). Dada a extensão de nossa pesquisa, outras escalas que mensuram diretamente satisfação poderiam dilatar ainda mais o tempo de preenchimento do participante – que já era longo – e dificultar a coleta de dados. Porém, é importante salientar que, por mais que tenha sido utilizada como uma medida de satisfação, a escala mede vínculos amorosos – o que pode ser um fator limitante do trabalho.

Futuras pesquisas com um maior número de participantes (individuais e casais), hetero, gays e lésbicas, podem nos dar respostas mais acuradas acerca dos efeitos do apego e satisfação na predição de coerção sexual. Além disso, aumentar a variabilidade da amostra – fugindo da população universitária - pode contribuir para um maior grau de generalização dos dados e de

sua contribuição para o escopo de estudos na área. Buscar contornar o viés de satisfação dos casais pode ser importante, buscando formas de selecionar, de antemão, casais com diferentes níveis de satisfação do relacionamento. Levar em consideração variáveis como idade dos participantes e o tempo de relacionamento nas análises, pois podem ser importantes fatores de influência no comportamento de coerção sexual. Por último, utilizar escalas que avaliem a satisfação no relacionamento de forma direta pode proporcionar, para futuras pesquisas, dados mais claros acerca da relação deste constructo com a coerção sexual.

Referências

- Barbaro, N., Holub, A. M. & Shackelford, T. K. (2018). Associations of attachment anxiety and avoidance with male- and female-perpetrated sexual coercion in romantic relationships. *Violence and Victims*, 33(6), 1176-1192.
<https://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-17-00141>
- Barbaro, N., Sela, Y., Atari, M., Shackelford, T. K., & Zeigler-Hill, V. (2019). Romantic attachment and mate retention behavior: The mediating role of perceived risk of partner infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(3), 940–956.
<https://doi.org/10.1177/0265407517749330>
- Brassard, A., Shaver, P. R., Lussier, Y. (2007). Attachment, sexual experience, and sexual pressure in romantic relationships: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 14(3), 475-493. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00166.x>
- Belsky, J. (1997). Attachment, mating, and parenting: An evolutionary interpretation. *Human Nature*, 8(4), 361–381. <https://doi.org/10.1007/BF02913039>
- Belsky, J. (2012). The Development of Human Reproductive Strategies: Progress and Prospects. *Current Directions in Psychological Science*, 21(5), 310–316.
<https://doi.org/10.1177/0963721412453588>

- Brousseau, M. M., Bergeron, S., Hébert, M. & McDuff, P. (2011). Sexual coercion victimization and perpetration in heterosexual couples: a dyadic investigation. *Arch Sex Behav.* 40(2), 363-72. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9617-0>.
- Busby, D. M., & Compton, S. V. (1997). Patterns of sexual coercion in adult heterosexual relationships: an exploration of male victimization. *Family process*, 36(1), 81–94. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1997.00081>.
- Curia, B. G., Gonçalves, V. D., Zamora, J. C., Ruoso, A., Ligório, I. S., Habzang, L. (2020) Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra mulher po parceiro íntimo. *Psic., Ciên. E Prof.*, 40 (1).
<https://doi.org/10.1590/19823703003189184>
- de Andrade, A. L., Garcia, A. & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(3), 143–156. Recuperado em 12 de julho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300012&lng=pt&tlng=pt.
- De Visser, R. O., Rissel, C. E., Richters, J., & Smith, A. M. A. (2007). The impact of sexual coercion on psychological, physical, and sexual well- being in a representative sample of Australian women. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 676–686. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9129-0>
- Del Giudice, M. (2019). Sex differences in attachment styles. *Current Opinion in Psychology*, 25, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.004>
- DiMarco, D., & Savitz, R. (2023). An Examination of Sexual Coercion Perpetrated by Women. *Sexuality & Culture*. <https://doi.org/10.1007/s12119-023-10102-1>
- Dugal, C., Brassard, A., Claing, A., Lefebvre, A. A., Audet, A., Paradis-Lavallée, R., Godbout, N., & Péloquin, K. (2021). Attachment Insecurities and Sexual Coercion in Same- and

Cross-Gender Couples: The Mediational Role of Couple Communication Patterns. *Journal of sex & marital therapy*, 47(8), 743–763.

<https://doi.org/10.1080/0092623X.2021.1944937>

Ein-Dor, T. (2014). Facing danger: How do people behave in times of need? The case of adult attachment styles. *Frontiers in Psychology*, 5. Recuperado em 20 de Fevereiro de 2023 de, <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2014.01452>

Ein-Dor, T., Mikulincer, M., Doron, G., & Shaver, P. R. (2010). The Attachment Paradox: How Can So Many of Us (the Insecure Ones) Have No Adaptive Advantages? *Perspectives on Psychological Science*, 5(2), 123–141.

<https://doi.org/10.1177/1745691610362349>

Énois Inteligência Jovem, Instituto Vladimir Herzorg & Instituto Patrícia Galvão (2015).

Machismo e violência contra a mulher. Instituto Patrícia Galvão. Dados e Fontes.

Recuperado em 21 de Fevereiro de 2023, de

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/meninapodetudo-machismo-e-violencia-contra-a-mulher-enois-inteligencia-joveminstituto-vladimir-herzoginstituto-patricia-galvao-2015/>

França, P. S. de, Natividade, J. C., & Lopes, F. de A. (2016). Evidências de validade da versão brasileira da Escala Amor do Marriage and Relationships Questionnaire (MARQ). *Psico-USF*, 21(2), 233–244. <https://doi.org/10.1590/1413-82>

Friedman, M., Rholes, W. S., Simpson, J., Bond, M., Diaz-Loving, R., & Chan, C. (2010).

Attachment avoidance and the cultural fit hypothesis: A cross-cultural investigation.

Personal Relationships, 17(1), 107–126.

<https://doi.org/10.1111/j.14756811.2010.01256.x>

- Getzler, A. L. & Kerns, K. A. (2004). Associations between insecure attachment and sexual experience. *Personal Relationship*, 11(1), 249-265. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2004.00081.x>
- Goetz, A. T., & Shackelford, T. K. (2006). Sexual coercion and forced in-pair copulation as sperm competition tactics in humans. *Human Nature*, 17(3), 265–282. <http://dx.doi.org/10.1007/s12110-006-1009-8>
- Goetz, A. T., & Shackelford, T. K. (2009). Sexual coercion in intimate relationships: A comparative analysis of the effects of women's infidelity and men's dominance and control. *Archives of Sexual Behavior*, 38(2), 226–234. [http:// dx. doi. org/ 10. 1007/ s10508- 008- 9353-x](http://dx.doi.org/10.1007/s10508-008-9353-x)
- Goetz, A. T., Shackelford, T. K., & Camilleri, J. A. (2008). Proximate and ultimate explanations are required for a comprehensive understanding of partner rape. *Aggression and Violent Behavior*, 13(2), 119–123. doi:10.1016/j.avb.2008.02.002
- Gottlieb, L. & Schmitt, D.P (2023). When staying home is not safe: an investigation of the role of attachment style on stress and intimate partner violence in the time of COVID-19. *Arch Sex Behavior*, 52(1), 639–654. <https://doi.org/10.1007/s10508-022-02457-7>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524.
- He, S., & Tsang, S. (2014). Male partners' attachment styles as predictors of women's coerced first sexual intercourse in Chinese college students' dating relationships. *Violence and Victims*, 29(5), 771–783. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00116>
- Human Development Index – HDI (2023). *Human Development Index (HDI) by Country 2023*. World population Review. Recuperado em 02/05/2023 <https://worldpopulationreview.com/countryrankings/hdi-by-country>

- Impett, E. A., & Peplau, L. A. (2002). Why some women consent to unwanted sex with a dating partner: Insights from attachment theory. *Psychology of Women Quarterly*, 26(4), 360–370. <https://doi.org/10.1111/1471-6402.t01-1-00075>
- Jeffrey, N. K., & Barata, P. C. (2017). “He didn’t necessarily force himself upon me, but ...”: Women’s lived experiences of sexual coercion in intimate relationships with men. *Violence Against Women*, 23(8), 1–23. <https://doi.org/10.1177/1077801216652507>
- Karantzas, G. C., McCabe, M. P., Karantzas, K. M., Pizzirani, B., Campbell, H., & Mullins, E. R. (2015). Attachment Style and Less Severe Forms of Sexual Coercion: A Systematic Review. *Archives of sexual behavior*, 45(5), 1053–1068. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0600-7>
- Krahé, B., Tomaszewska, P., Kuyper, L., & Vanwesenbeeck, I. (2014). Prevalence of sexual aggression among young people in Europe: A review of the evidence from 27 EU countries. *Aggression and Violent Behavior*, 19, 545–558. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.07.005>
- Langton, C. M., Murad, Z., & Humbert, B. (2017). Childhood sexual abuse, attachments in childhood and adulthood, and coercive sexual behaviors in community males: Main effects and a moderating function for attachment. *Sexual Abuse*, 29(3), 207–238. <https://doi.org/10.1177/1079063215583853>
- Lee, G., and Shehan, C. L. (1989). Retirement and marital satisfaction. *J. Gerontol.* 44, 226–230. <https://doi.org/10.1093/geronj/44.6.S226>
- Li, T., & Chan, D. K. (2012). How anxious and avoidant attachment affect romantic relationship quality differently: A meta-analytic review. *European Journal of Social Psychology*, 42(4), 406–419. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1842>
- Lopes, G. S., Holanda, L. C., DeLecce, T., Holub, A. M., & Shackelford, T. K. (2021). Sexual coercion, mate retention, and relationship satisfaction in Brazilian and American romantic

- relationships. *Journal of interpersonal violence*, 36(13-14), 6647–6669.
<https://doi.org/10.1177/0886260518821458>
- Lorber, M. F., Erlanger, A. C. E., Heyman, R. E., & O’Leary, K. D. (2014). The honeymoon effect: Does it exist and can it be predicted? *Prevention Science*, 16(4), 550–559. <https://10.1007/s11121-014-0480-4>
- Martins, L. B (2020). *Um estudo da satisfação nos relacionamentos amorosos a partir da tríade sombria e dos estilos de apego adulto* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). An attachment perspective on psychopathology. *World psychiatry : official journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 11(1), 11–15.
<https://doi.org/10.1016/j.wpsyc.2012.01.003>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2019). Attachment orientations and emotion regulation. *Current Opinion in Psychology*, 25, 6–10. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.006>
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484-494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>
- O’Leary, K. D., & Williams, M. C. (2006). Agreement about acts of aggression in marriage. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 656 – 662. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.4.656>
- Oswald, D. L., & Russel, B. L. (2006). Perceptions of sexual coercion in heterosexual dating relationships: the role of aggressor gender and tactics. *Journal of sex research*, 43(1), 87–95. <https://doi.org/10.1080/00224490609552302>
- Panuzio, J. & DiLillo, D. (2010). Physical, psychological, and sexual intimate partner aggression among newlywed couples: Longitudinal prediction of marital satisfaction. *J Fam Viol*, 25, 689–699. <https://doi.org/10.1007/s10896-010-9328-2>

- Rabelo, K. (2012). *Qualidade da relação conjugal: uma avaliação dos casais residentes no Pará* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Campbell, L., & Grich, J. (2001). Adult Attachment and the Transition to Parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, *81*(3), 421–435.
- Røsand, G.-M. B., Slinning, K., Eberhard-Gran, M., Røysamb, E., & Tambs, K. (2012). The buffering effect of relationship satisfaction on emotional distress in couples. *BMC Public Health*, *12*(1), 1-13. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-66>
- Ross, J. M., Drouin, M., & Coupe, A. (2016). Sexting Coercion as a Component of Intimate Partner Polyvictimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051666030. <https://doi.org/10.1177/0886260516660300>
- Ryan, J., Lopian, L., Le, B., Edney, S., Van Kessel, G., Plotnikoff, R., ... Maher, C. (2019). It's not raining men: A mixed-methods study investigating methods of improving male recruitment to health behaviour research. *BMC Public Health*, *19*(1). <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7087-4>
- Schatzel-Murphy, E.A., Harris, D.A., Knight, R.A.& Milburn, M. A. (2009) Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Arch. Sex. Behav.*, *38*, 974–986. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9481-y>
- Schmitt, D., Alcalay, L., Allensworth, M., Allik, J., Ault, L., Austers, I., Bennett, K. L., Bianchi, G., Boholst, F., Cunen, M. A. B., Braeckman, J., Brainerd, E. G., Caral, L. G. A., Caron, G., Casullo, M. M., Cunningham, M., Daibo, I., De Backer, C., De Souza, E., ... Zupančič, A. (2004). Patterns and Universals of Adult Romantic Attachment Across 62 Cultural Regions: Are Models of Self and of Other Pancultural Constructs? *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *35*(4), 367–402. <https://doi.org/10.1177/0022022104266105>

- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (2000). Marital satisfaction and spousal cost-infliction. *Personality and Individual Differences*, 28(5), 917–928. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00150-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00150-6)
- Shackelford, T. K., & Goetz, A. T. (2004). Men's sexual coercion in intimate relationships: development and initial validation of the sexual coercion in intimate relationships scale. *Violence and Victims*, 19(5), 541–556. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.5.541.63681>
- Smith, S. G, Zhang, X., Basile, K. C., Merrick, M. T., Wang, J., Kresnow, M., Chen, J. (2018). The national intimate partner and sexual violence survey: 2015 data brief – Updated release. *Centers for Disease Control and Prevention*. Recuperado em 10/02/2023. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/2015data-brief508.pdf>
- Sommer, J., Babcock, J. & Sharp, C. (2017). A dyadic analysis of partner violence and adult attachment. *Journal of Family Violence*. 32(1), 279-290. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9868-1>
- Spence, R., Jacobs, C., & Bifulco, A. (2018). Attachment style, loneliness and depression in older age women. *Aging & mental health*, 24(5), 837–839. <https://doi.org/10.1080/13607863.2018.1553141>
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *Journal of Sex Research*, 40(1), 76–86. doi:<https://doi.org/10.1080/00224490309552168>
- Thompson, R. A., Simpson, J. A., & Berlin, L. J. (2022). Taking perspective on attachment theory and research: Nine fundamental questions. *Attachment & Human Development*, 24(5), 543–560. <https://doi.org/10.1080/14616734.2022.2030132>
- Vance, G., Zeigler-Hill, V., James, R. M. & Shackelford, T. (2021). Erectile dysfunction and partner-directed behaviors in romantic relationships: The mediating role of suspicious

jealousy. *The Journal of Sex Research*, 59(4), 472-483.

<https://doi.org/10.1080/00224499.2021.1956412>

Vollman, M., Sprang, S. & Brink, F. Van den. (2019). Adult attachment and relationship satisfaction: The mediating role of gratitude toward the partner. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(11-12), 1-12.

<https://doi.org/10.1177/026540751984171>

Zhang, F., & Labouvie-Vief, G. (2004). Stability and fluctuation in adult attachment style over a 6-year period. *Attachment & Human Development*, 6(4), 419

–437. <https://doi.org/10.1080/1461673042000303127>

Zhao, C., McNulty, J., Turner, J., Hicks, L. & Meltzer, A. (2022). Evidence of a bidirectional association between daily sexual and relationship satisfaction that is moderated by daily stress. *Archives of Sexual Behavior*, 51, (3791-3802).

<https://doi.org/10.1007/s10508-022-02399-0>

Ziaee, T., Jannati, Y., Mobasheri, E., Taghavi, T., Abdollahi, H., Modanloo, M., & Behnampour, N. (2014). The Relationship between Marital and Sexual Satisfaction among Married Women Employees at Golestan University of Medical Sciences, Iran. *Iranian journal of psychiatry and behavioral sciences*, 8(2), 44–51. Recuperado em 12 de julho de 2023, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4105603/>

Apêndices

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Avaliação da Satisfação nos Relacionamentos amorosos de casais homossexuais e heterossexuais”, de responsabilidade do pesquisador Mauro Dias Silva Júnior, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é investigar os níveis de satisfação amorosa e sexual, com base nos estilos de vinculação amorosa, níveis da personalidade e níveis de ciúmes de cada membro do casal, em casais heterossexuais e homossexuais. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como os questionários permanecerão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa. A coleta de dados será realizada por meio de questionários. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco direto, de todo modo, caso o pesquisador ou o participante sinta a necessidade de encaminhar o/a participante para um atendimento mais individualizado, o pesquisador passará todos os contatos necessários. Espera-se com esta pesquisa contribuir para a compressão acerca das relações que são desenvolvidas dentro de relacionamentos amorosos, produzir conteúdo que corroborem oficinas e palestras para indivíduos inseridos em relacionamentos amorosos, material para embasar políticas públicas direcionados para indivíduos inseridos em relacionamentos, considerados satisfatórios ou não. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à

pesquisa, você pode me contatar os pesquisadores responsáveis: Mauro Dias Silva Júnior, através do telefone 61–3107.6838 ou pelo e-mail juniormsilva@unb.br; A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio virtual, e-mail, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br.

Apêndice B: Questionário socioeconômico**1. Responsável pelo preenchimento**

Homem

Mulher

2. Como você se identifica (sua orientação sexual):

Heterossexual

Bissexual

Homossexual

3. Qual a sua idade?**4. Escolaridade**

Nunca fui à escola

Até a quarta série

Quinta à oitava série

Segundo grau incompleto

Segundo grau completo

Curso técnico completo

Superior incompleto

Superior completo

Pós graduação incompleta

Pós graduação completa

5. Você está empregado(a) (estágio remunerado vale como emprego):

Sim

Não

6. Renda pessoal (valor líquido):**7. Renda familiar (valor líquido):**

Este questionário contém algumas perguntas simples sobre casamento/relacionamentos amorosos. Por favor, responda todas elas, mesmo que você sinta que algumas delas são muito pessoais. Não serão pedidos nomes, e suas respostas serão tratadas de forma estritamente confidencial. Não consulte seu cônjuge para responder as perguntas.

Muitas das perguntas possuem várias possibilidades de respostas. Responda o questionário marcando cada resposta que você escolheu.

Não existem respostas certas ou erradas. Não gaste muito tempo em cada questão – é sua primeira impressão que importa.

Lembre-se:

- **Suas respostas são confidenciais.**
- **Responda de acordo com sua primeira impressão.**
- **Escolha a resposta que mais se aproxima da sua opinião.**
- **Marque a opção mais próxima a sua resposta.**
- **Não existe resposta certa ou errada.**
- **Caso você não saiba a resposta para alguma pergunta, por favor, responder a pergunta com: 99**

8. Qual o status do seu relacionamento:

- Solteiro(a)
- Namorando
- Casado(a)

9. Há quanto tempo você está nesse relacionamento atual (anos e meses):

10. Seu relacionamento é aberto (relação romântica em que os parceiros envolvidos concordam com uma forma de não-monogamia):

- Sim

Não

11. Você já pensou em se separar do(a) seu(sua) parceiro(a):

Nunca

Uma ou duas vezes

Algumas vezes

Frequentemente

Sempre

12. Você estaria em uma posição difícil se você se divorciasse/terminasse agora:

Muito

Bastante

Moderadamente

Não muito

Não

Apêndice C: Escala do Amor (MARQ – Brasil)

Por favor, leia as perguntas abaixo e responda de acordo de acordo com a escala de intensidade ao lado. Observe que 1 significa “*Nem um pouco*” e 5 significa “*Muito*”.

Considere seu relacionamento atual para responder.

Nem um pouco - 1 2 3 4 5 - Muito

Você gosta da companhia de seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Você é feliz com o seu relacionamento? 1 2 3 4 5

Você acha seu/sua parceiro/a atraente? 1 2 3 4 5

Vocês gostam de fazer coisas juntas? 1 2 3 4 5

Você gosta de ficar abraçado/a com seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Você respeita seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Você se orgulha de seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Seu relacionamento tem um lado romântico? 1 2 3 4 5

Quanto você ama seu/sua parceiro/a 1 2 3 4 5

**Apêndice D: Versão brasileira da Experience in Close Relationship – Reduzida (ECR
R-Brasil)**

Versão: sexo masculino.

Por favor, leia as afirmações abaixo e marque o quanto cada uma descreve as emoções e sentimentos que você geralmente tem em relacionamentos amorosos e/ou sexuais. Queremos saber como você se sente em relacionamentos amorosos e/ou sexuais de modo geral em relação ao seu relacionamento atual. Responda o quanto você concorda com as frases abaixo.

Observe que quanto mais próximo de 1 você marcar, menos você concorda com a afirmação; quanto mais próximo de 7 você marcar, mais você concorda com a afirmação.

- 01.** Ajuda muito poder contar com minha parceira em momentos de necessidade. 1 2 3 4 5 6 7
- 02.** Eu preciso de muitas garantias de que sou amado por minha parceira. 1 2 3 4 5 6 7
- 03.** Eu recorro à minha parceira para muitas coisas, incluindo para conforto e segurança emocional. 1 2 3 4 5 6 7
- 04.** Frequentemente, eu acho que minha parceira não quer tanta proximidade afetiva quanto eu gostaria. 1 2 3 4 5 6 7
- 05.** Geralmente, tento evitar muita proximidade afetiva com minha parceira. 1 2 3 4 5 6 7
- 06.** Às vezes, meu desejo de ficar muito próximo afetivamente acaba assustando as pessoas. 1
2 3 4 5 6 7
- 07.** Eu costumo conversar sobre os meus problemas e preocupações com minha parceira. 1 2
3 4 5 6 7
- 08.** Eu fico frustrado se minha parceira não está disponível quando eu preciso dela. 1 2 3 4 5
6 7
- 09.** Eu fico preocupado quando minha parceira fica muito próximo afetivamente de mim. 1 2
3 4 5 6 7

10. Preocupa-me que minha parceira não se importe comigo tanto quanto eu me importo com ela. 1 2 3 4 5 6 7

**Apêndice E: Versão brasileira da Experience in Close Relationship – Reduzida (ECR R-
Brasil)**

Versão: sexo feminino.

Por favor, leia as afirmações abaixo e marque o quanto cada uma descreve as emoções e sentimentos que você geralmente tem em relacionamentos amorosos e/ou sexuais. Queremos saber como você se sente em relacionamentos amorosos e/ou sexuais de modo geral em relação ao seu relacionamento atual. Responda o quanto você concorda com as frases abaixo. *Observe que quanto mais próximo de 1 você marcar, menos você concorda com a afirmação; quanto mais próximo de 7 você marcar, mais você concorda com a afirmação.*

- 01.** Ajuda muito poder contar com meu parceiro em momentos de necessidade. 1 2 3 4 5 6 7
- 02.** Eu preciso de muitas garantias de que sou amado por meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
- 03.** Eu recorro à meu parceiro para muitas coisas, incluindo para conforto e segurança emocional. 1 2 3 4 5 6 7
- 04.** Frequentemente, eu acho que meu parceiro não quer tanta proximidade afetiva quanto eu gostaria. 1 2 3 4 5 6 7
- 05.** Geralmente, tento evitar muita proximidade afetiva com meu parceiro. 1 2 3 4 5 6 7
- 06.** Às vezes, meu desejo de ficar muito próximo afetivamente acaba assustando as pessoas. 1
2 3 4 5 6 7
- 07.** Eu costumo conversar sobre os meus problemas e preocupações com meu parceiro. 1 2 3
4 5 6 7
- 08.** Eu fico frustrado se meu parceiro não está disponível quando eu preciso dele. 1 2 3 4 5 6
7
- 09.** Eu fico preocupado quando meu parceiro fica muito próximo afetivamente de mim. 1 2 3
4 5 6 7

10. Preocupa-me que meu parceiro não se importe comigo tanto quanto eu me importo com ela. 1 2 3 4 5 6 7

Apêndice F: ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos

Versão: perpetração masculina

Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.

Nunca 0

1 vez 1

2 vezes 2

3 a 5 vezes 3

6 a 10 vezes 4

11 ou mais 5

01. Eu dei a entender que minha parceira estava me traindo com a intenção de fazê-la ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

02. Eu dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) à minha parceira para que ela se sentisse obrigada a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

03. Eu lembrei que dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) à minha parceira para que ela se sentisse obrigada a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

04. Eu tomei a iniciativa de ter relações sexuais com minha parceira enquanto ela estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbada ou sob medicação), e continuei fazendo contra a vontade dela. *1 2 3 4 5*

05. Eu dei a entender que pararia de ajudar a minha parceira com coisas que ela depende de mim (p.ex., ajuda financeira) se ela não fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

06. Eu disse à minha parceira que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de fazê-la sentir que deveria ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

07. Eu dei a entender que era obrigação ou dever da minha parceira fazer sexo comigo. *1 2 3 4 5*

08. Eu dei a entender que outras mulheres estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo comigo para que, assim, minha parceira fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5

09. Eu dei a entender que eu teria relações sexuais com outra mulher se minha parceira não fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5

Versão: vitimização masculina

Atenção, essa é uma seção diferente da anterior. Será a última da pesquisa. Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.

Nunca: 0

1 vez: 1

2 vezes: 2

3 a 5 vezes: 3

6 a 10 vezes: 4

11 ou mais: 5

01. Minha parceira deu a entender que eu estava traindo-a com a intenção de me fazer ter relações sexuais com ela. 1 2 3 4 5

02. Minha parceira me deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigado a ter relações sexuais com ela. 1 2 3 4 5

03. Minha parceira me lembrou que deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigado a ter relações sexuais com ela. 1 2 3 4 5

04. Minha parceira tomou a iniciativa de ter relações sexuais comigo enquanto eu estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbado ou sob medicação), e continuou fazendo contra a minha vontade. 1 2 3 4 5

- 05.** Minha parceira deu a entender que pararia de me ajudar com coisas que eu dependo dela (p.ex., ajuda financeira) se eu não fizesse sexo com ela. 1 2 3 4 5
- 06.** Minha parceira me disse que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de me fazer sentir que deveria ter relações sexuais com ela. 1 2 3 4 5
- 07.** Minha parceira deu a entender que era minha obrigação ou meu dever fazer sexo com ela. 1 2 3 4 5
- 08.** Minha parceira deu a entender que outros homens estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo com ela para que, assim, eu fizesse sexo com ela. 1 2 3 4 5
- 09.** Minha parceira deu a entender que ele teria relações sexuais com outro homem se eu não fizesse sexo com ela. 1 2 3 4 5

Apêndice G: ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos

Versão: feminina

Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.

Nunca: 0

1 vez: 1

2 vezes: 2

3 a 5 vezes: 3

6 a 10 vezes: 4

11 ou mais: 5

01. Meu parceiro deu a entender que eu estava traindo ele com a intenção de me fazer ter relações sexuais com ele. 1 2 3 4 5

02. Meu parceiro me deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigada a ter relações sexuais com ele. 1 2 3 4 5

03. Meu parceiro me lembrou que deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigada a ter relações sexuais com ele. 1 2 3 4 5

04. Meu parceiro tomou a iniciativa de ter relações sexuais comigo enquanto eu estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbada ou sob medicação), e continuou fazendo contra a minha vontade. 1 2 3 4 5

05. Meu parceiro deu a entender que pararia de me ajudar com coisas que eu dependo dele (p.ex., ajuda financeira) se eu não fizesse sexo com ele. 1 2 3 4 5

06. Meu parceiro me disse que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de me fazer sentir que deveria ter relações sexuais com ele. 1 2 3

4 5

07. Meu parceiro deu a entender que era minha obrigação ou meu dever fazer sexo com ele. 1 2 3 4 5

106

08. Meu parceiro deu a entender que outras mulheres estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo com ele para que, assim, eu fizesse sexo com ele. 1 2 3 4 5

09. Meu parceiro deu a entender que ele teria relações sexuais com outra mulher se eu não fizesse sexo com ele. 1 2 3 4 5

Perpetração Feminina

Atenção, essa é uma seção diferente da anterior. Será a última da pesquisa. Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.

Nunca: 0

1 vez: 1

2 vezes: 2

3 a 5 vezes: 3

6 a 10 vezes: 4

11 ou mais: 5

01. Eu dei a entender que meu parceiro estava me traindo com a intenção de fazê-lo ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5

02. Eu dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) ao meu parceiro para que ele se sentisse obrigado a ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5

03. Eu lembrei que dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) ao meu parceiro para que ele se sentisse obrigado a ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5

Eu tomei a iniciativa de ter relações sexuais com meu parceiro enquanto ele estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbado ou sob medicação), e continuei fazendo contra a vontade dele. 1 2 3 4 5

04. Eu dei a entender que pararia de ajudar o meu parceiro com coisas que ele depende de mim (p.ex., ajuda financeira) se ele não fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5

107

05. Eu disse ao meu parceiro que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de fazê-lo sentir que deveria ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5

06. Eu dei a entender que era obrigação ou dever do meu parceiro fazer sexo comigo. 1 2 3 4 5

07. Eu dei a entender que outros homens estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo comigo para que, assim, meu parceiro fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5

08. Eu dei a entender que eu teria relações sexuais com outro homem se meu parceiro não fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5

Apêndice H: Predições do Estudo 1 e Estudo 2

Predições	Estudo 1	Estudo 2
Predição 1.1: O apego evitativo autorrelatado terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.	Não confirmada	Não confirmada
Predição 1.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.	Não confirmada	Confirmada
Predição 2.1: O apego ansioso do parceiro terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.	Confirmada	Não testada
Predição 2.2: A satisfação do parceiro terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo feminino.	Não confirmada	Não testada
Predição 3.1: O apego ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.	Não confirmada	Confirmada
Predição 3.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo feminino.	Não confirmada	Confirmada
Predição 4.1: O apego ansioso ou evitativo do parceiro terá maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo feminino.	Não confirmada	Não testada
Predição 4.2: A satisfação do parceiro terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo feminino.	Não confirmada	Não testada
Predição 5.1: O apego evitativo ou ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.	Não confirmada	Não confirmada
Predição 5.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.	Confirmada	Confirmada
Predição 6.1: O apego ansioso da parceira terá maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.	Não confirmada	Não testada

Predição 6.2: A satisfação da parceira terá uma relação negativa e maior significância na associação com a vitimização coerção sexual em participantes do sexo masculino.	Confirmada	Não testada
Predição 7.1: O apego ansioso autorrelatado terá maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.	Confirmada	Não confirmada
Predição 7.2: A satisfação autorrelatada terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração da coerção sexual por participantes do sexo masculino.	Confirmada	Confirmada
Predição 8.1: O apego evitativo da parceira terá maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo masculino.	Não confirmada	Não testada
Predição 8.2: A satisfação da parceira terá uma relação negativa e maior significância na associação com a perpetração de coerção sexual por participantes do sexo masculino.	Não confirmada	Não testada
